



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/ HAB. CIÊNCIAS NATURAIS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**DANRLEY FERREIRA MORAES**

**ABAETETUBA/PA  
2018**

**DANRLEY FERREIRA MORAES**

**O PIBID DIVERSIDADE NA ESCOLA PROFESSOR BASÍLIO DE CARVALHO:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DA EQUIPE GESTORA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciado em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais, vinculado a Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará / Campus Universitário de Abaetetuba.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mara Rita Duarte de Oliveira

**ABAETETUBA/PA  
2018**

**DANRLEY FERREIRA MORAES**

**O PIBID DIVERSIDADE NA ESCOLA PROFESSOR BASÍLIO DE CARVALHO:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DA EQUIPE GESTORA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciado em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais, vinculado a Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará / Campus Universitário de Abaetetuba.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mara Rita Duarte de Oliveira

Abaetetuba, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mara Rita Duarte de Oliveira (UFPA) - Presidente

---

Prof.<sup>a</sup> Antonilda da Silva Santos (SEMEC) – Membro 1

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacqueline Cunha da Serra Freire (UNILAB) – Membro 2

Dedico com todo meu carinho a minha mãe, meu pai e meu irmão por todo companheirismo e apoio.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço infinitamente a **Deus** por me abençoar a cada dia, por me acompanhar nessa trajetória, ouvir minhas orações e me conduzir pelos melhores caminhos!

Ao meu pai, **Benedito Pinheiro de Moraes**, que muito se dedicou para que eu pudesse estudar e em meio às dificuldades sempre foi alguém que me deu forças! A minha mãe, **Alice dos Santos Ferreira**, que incansavelmente se dedicou para que eu pudesse concluir esta graduação! Obrigado mãe por sempre me incentivar a seguir em frente nos estudos desde pequeno e por ser um exemplo de amor e proteção! Ao meu irmão, **Benedito Júnior**, por todo companheirismo e por compartilhar dessa vivência acadêmica junto comigo!

Agradeço as pessoas que Deus colocou em minha vida e que foram fundamentais durante essa graduação: **Ademar Ferreira, Marlene Ferreira, Maura Ferreira, Marcilene Ferreira, Maria Quaresma, Marly Quaresma, Thiago Quaresma, Mário Quaresma, Marily Quaresma, Aldenora Ferreira, Aracelis Ferreira**. Que Deus abençoe a todos!

A comunidade ribeirinha **Mamangal Grande!** Agradeço infinitamente por ser tão acolhedora através de seus moradores! Orgulha-me muito saber que minha origem começa nesse maravilhoso lugar!

A professora **Mara Rita**, que aceitou ser minha orientadora no momento em que mais precisei! Agradeço especialmente por todo empenho e apoio durante esta pesquisa, por ser uma excelente profissional, e estar sempre disposta a contribuir com os alunos e as comunidades com todo seu conhecimento! Muito Obrigado!

Ao curso de **Licenciatura em Educação Do Campo**, que primeiramente me trouxe mais humanidade diante de tudo que vivi e das realidades que encontrei! Agradeço a este curso por me proporcionar tanto conhecimento dos quais destaco os saberes tradicionais e sua importância na identidade dos povos!

Aos movimentos sociais que me acompanharam durante minha formação acadêmica, em especial a **Pastoral da Juventude!**

A **Universidade Federal do Pará**, por abrir as portas para tantas pessoas que almejavam ingressar na graduação e por tanto conhecimento que me oportunizou! Em nome do querido e amado motorista **José Kasseb**, eu agradeço a todos os funcionários do **Campus Universitário de Abaetetuba**, onde fiz muitas amizades e recebi muito carinho e atenção!

Aos **professores vinculados a Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo**. Agradeço por todos os debates, os aprendizados, as aulas, o conhecimento adquirido através das metodologias utilizadas!

Ao **PIBID Diversidade**, pela sensacional oportunidade que tive de vivenciar a prática docente! É indescritível tudo que pude ensinar e aprender junto aos alunos! Nesse contexto, é impossível deixar de agradecer a **Escola Professor Basílio de Carvalho** e todos os funcionários que estarão sempre em minhas lembranças e ainda meus alunos dos anos de 2016, 2017, 2018!

A **CAPES** por conceder bolsa de iniciação à docência!

As minhas amigas e parceiras **Gracilene Pantoja** e **Márcia Bianca**, agradeço pela amizade, por todas as aventuras vivenciadas, os seminários que apresentamos juntos, por toda alegria que despertaram em mim! Estarão sempre em meu coração!

A toda turma de **Educação do Campo 2014/extensivo**! Agradeço em especial as minhas queridas **Simoní Paixão, Suely Paixão, Ana Lúcia e Márcia Bianca** por tudo que vivenciamos nos últimos meses. Desde o dificultoso início do TCC, os desafios desse período e todas as alegrias e diversões!

Aos amigos de outras turmas que a LEDOC me permitiu conhecer: **Delma Ferreira, Neidinéia Oliva, Rosana Pimentel, Jéssica Mac Dovel, Grazielle Assunção, Gedeão Aires, Márcio Cruz, Eloane Pantoja, Almir Marques, Anderson Cruz, Adriana Cardoso, Leticia Lobato, Emanuely Maués** e tantos outros. As queridas **Mayara Ribeiro** e **Fernanda Sarges** por todos os risos e histórias compartilhadas no horário de almoço, por serem muito especiais nesse período! Agradeço a **Conceição Mendes** pela amizade construída e pelas ótimas refeições que proporcionou! A **Graciane Moura** por sua bela contribuição com este trabalho!

Aos discentes da **LEDOC Acará** e da **LEDOC Tomé-Açú**, por fazerem parte dessa trajetória acadêmica! Desejo sucesso a todos!

Em nome do grande amigo e motorista da Van, **Jilvan Carvalho**, meus agradecimentos a todas as amigadas que fiz e dos inúmeros momentos de alegria que vivenciamos durante as viagens diárias! Obrigado aos companheiros das turmas: **Pedagogia 2011, Física 2012, Letras-Espanhol 2013, Letras-Português 2013, Matemática 2013, Física 2014, Pedagogia 2015, Letras-Espanhol 2016, Letras-Português 2016, Matemática 2016, Física 2016, as queridas intérpretes, e todos os alunos dos cursinhos pré-vestibulares e escolas particulares!**

Aos amigos da **Comunidade Sagrada Família** que me acompanharam, rezaram por mim e compreenderam minha ausência em alguns momentos! E especialmente aos integrantes do **Grupo Missão Agnus Dei**, que além de amigos pela fé, considero como irmãos e que sei que posso contar sempre! Deus abençoe a cada um!

## **COMEÇO...**

Lembraí do tempo que levastes para chegar aqui, de todas as vitórias e lágrimas, de todos os sorrisos e lágrimas, de todos os sorrisos e fracassos. Lembrai dos sonhos realizados, das frustrações, das decepções colhidas. Lembrai de tudo o que passou. Ganhastes mais força, mais sabedoria e finalmente podes olhar para o que há diante de ti e perceber que apenas chegaste ao começo.

- Bem-Vindo ao começo!

(Augusto Branco)

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso surgiu a partir da minha experiência enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência / Subprojeto Abaetetuba – PIBID Diversidade e apresenta a seguinte pergunta de pesquisa: qual a contribuição do PIBID Diversidade no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do campo, a partir da concepção dos gestores da escola Professor Basílio de Carvalho? Tem como objetivo geral analisar a contribuição do PIBID Diversidade no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do campo, a partir das falas dos gestores de uma escola do campo do município de Abaetetuba/PA e como objetivos específicos: I- Apontar as contribuições do PIBID no trabalho pedagógico dos professores e gestores; II- Analisar as atividades de ensino e aprendizagem desenvolvidas pelos bolsistas do PIBID Diversidade em sala de aula com alunos oriundos das comunidades de ilhas e estradas; III- Compreender as contribuições do PIBID Diversidade para o processo de ensino e aprendizagem a partir das falas dos gestores entrevistados. O programa possui uma importante função nas escolas, entretanto busca-se entender como os gestores avaliam a presença do PIBID nelas, no caso das escolas do campo o PIBID Diversidade. Para fins desta pesquisa foi utilizada uma abordagem qualitativa, conforme os estudos de Gonçalves *et al* (2014) e entrevistas semiestruturadas como descreve Minayo (2002). A partir disso, foram agendadas previamente, conforme disponibilidade dos participantes, entrevistas semiestruturadas com o público alvo para obtenção dos dados. Com as informações obtidas, concluiu-se que através das oficinas didáticas e pedagógicas, os bolsistas licenciandos contribuem para amenizar as dificuldades dos alunos, principalmente nas disciplinas de matemática e língua portuguesa, realizadas de forma lúdica, saindo um pouco da rotina do ensino tradicional. Nesse contexto, por meio das falas dos entrevistados, identificou-se que o PIBID Diversidade contribuiu com a escola e com os alunos, principalmente em momentos onde não havia professores para cumprir o horário de aula.

**Palavras-chave:** PIBID Diversidade. Gestores. Escola Basílio de Carvalho.

## ABSTRACT

The present work of course conclusion emerged from my experience as a scholarship holder of the Institutional Scholarship Program of the Teaching Initiation / Abaetetuba Subproject - PIBID Diversity and presents the following research question: what is the contribution of PIBID Diversity in the process of teaching and learning of the students of the field, from the conception of the managers of the school Professor Basílio de Carvalho? It has as general objective to analyze the contribution of the PIBID Diversity in the teaching and learning process of the students of the field, from the speeches of the managers of a school of the field of the municipality of Abaetetuba / PA and as specific objectives: I- To point out the contributions of the PIBID in the pedagogical work of teachers and managers; II- Analyze the teaching and learning activities developed by PIBID scholarship holders Diversity in the classroom with students coming from island communities and roads; III- Understand the contributions of PIBID Diversity for the teaching and learning process from the speeches of the managers interviewed. The program has an important role in schools, however, it seeks to understand how managers evaluate the presence of PIBID in them, in the case of the rural schools the PIBID Diversity. For the purposes of this research, a qualitative approach was used, according to studies by Gonçalves et al (2014) and semi-structured interviews as described by Minayo (2002). Based on this, prior interviews were conducted with the target audience to obtain the data, according to the participants' availability. With the information obtained, it was concluded that through the didactic and pedagogical workshops, the scholarship holders contribute to soften the difficulties of the students, mainly in the subjects of mathematics and Portuguese language, carried out in a playful way, leaving a little of the routine of traditional teaching. In this context, through the interviewees' speeches, it was identified that the PIBID Diversity contributed to the school and to the students, especially in moments where there were no teachers to comply with the class schedule.

**Keywords:** PIBID Diversity. Managers. Basílio de Carvalho School.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Desenho Do Programa_____	P.17
FIGURA 2 – Visão frontal da escola e entrada principal _____	P. 24
FIGURA 3 – Visão lateral da escola já em reforma _____	P. 24
FIGURA 4 – Sala de aula com janelas danificadas _____	P. 25
FIGURA 5 – Sala de aula com riscos nas paredes _____	P. 25
FIGURA 6 – Espaço interno _____	P. 25
FIGURA 7 – Pátio de Entrada da escola _____	P. 25
FIGURA 8 – Alunos produzindo na oficina _____	P. 26
FIGURA 9 – Alunos produzindo na oficina_____	P. 26
FIGURA 10 – Alunos produzindo na oficina _____	P. 26
FIGURA 11 – Alunos em atividade com o dominó_____	P. 27
FIGURA 12 – Alunos em atividade com o dominó_____	P. 27
FIGURA 13 – Alunos em atividade com o dominó _____	P. 27
FIGURA 14 – Alunos na oficina: Como organizar um trabalho escolar_____	P. 27
FIGURA 15 – Alunos na oficina: Como organizar um trabalho escolar _____	P. 27
FIGURA 16 – Bolsista e a turma após a última oficina do ano _____	P. 28

## **LISTA DE SIGLAS**

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência

PIBID DIVERSIDADE – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência para a Diversidade

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

LEDOC – Licenciatura em Educação do Campo

IES – Instituição de Ensino Superior

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores

SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

MEC – Ministério da Educação e Cultura

EJA – Educação de Jovens e Adultos

PDE – Programa de Desenvolvimento da Escola

PNLD – Plano Nacional do Livro Didático

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

ANEB – Avaliação Nacional da Educação Básica

SOME – Sistema de Organização Modular de Ensino

SEI – Sistema de Ensino Interativo

DEB – Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica

UFPA – Universidade Federal do Pará

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O PIBID NACIONAL E O PIBID DIVERSIDADE NO CAMPUS DE ABAETETUBA DA UFPA .....</b>	<b>16</b>
1.1 O SUBPROJETO ABAETETUBA: PIBID/DIVERSIDADE .....	19
<b>2. AS ATIVIDADES DO PIBID DIVERSIDADE NA ESCOLA PROFESSOR BASÍLIO DE CARVALHO .....</b>	<b>23</b>
2.1 APRESENTAÇÃO DO LÓCUS DE PESQUISA.....	26
2.2 OFICINA: UM DIÁLOGO SOBRE MIM.....	26
2.3 OFICINA: O DOMINÓ DAS OPERAÇÕES .....	26
2.4 OFICINA: COMO ORGANIZAR UM TRABALHO ESCOLAR.....	27
2.5 OFICINA: BINGO DOS VERBOS.....	27
<b>3. METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>29</b>
<b>4. O PIBID DIVERSIDADE A PARTIR DAS FALAS DA EQUIPE GESTORA.....</b>	<b>31</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO</b>	

## INTRODUÇÃO

Desde o seu nascimento, o ser humano está sujeito ao aprendizado de forma constante, no aprender a falar, nas conversas informais e na transmissão de conhecimentos tradicionais, além do ambiente escolar. Na contemporaneidade, encontra-se o ensino e a aprendizagem da sala de aula em quadros, na *internet*, em livros enormes, nos saberes tradicionais, em debates, no lúdico e também no cotidiano das pessoas.

Falar sobre educação nos permite abrir um leque de discussões que giram em torno do conhecimento, da formação intelectual de cidadãos críticos e, principalmente, do acesso a esse tipo de processo, o artigo 205 da Constituição Federal Brasileira (2012, p.121). declara que a educação é destinada a todos como um direito e um dever garantido pelo estado e a família. A educação deve formar cidadãos para o exercício da profissão e colaboração com a sociedade, de forma crítica e consciente.

O acesso à educação é um direito de todos, entretanto ainda há uma grande parte da população que não participa dessa formação de modo adequado, sobretudo lugares como ilhas e ramais que muitas vezes possuem escolas sucateadas pelo governo, desde a estrutura física do espaço escolar, a má administração e até mesmo professores sem o mínimo de formação para atuar no campo. Logo, inconformados com esse tipo de situação recorrente, os movimentos sociais do campo começaram a organizar-se na reivindicação de uma educação que não fosse apenas para o campo, mas *do e no* campo.

Nesse contexto surgiu a Educação do Campo, articulada pelos trabalhadores do campo somados aos movimentos sociais, em busca de políticas públicas que pudessem assegurar uma educação de qualidade e de acordo com a necessidade do povo. Assim, passou a existir estudos e formações de professores do campo e/ou jovens do campo que veem na docência uma oportunidade de formar cidadãos camponeses capazes de compreender sua realidade, os processos educativos e sociais existentes e que sejam capazes de contribuir para o desenvolvimento da comunidade.

A educação do campo não deve apenas formar novos professores para o campo, mas também militantes dispostos ao enfrentamento, a exemplo dos grandes projetos que com o avanço do capitalismo estão afetando diretamente a população do campo. A Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) é a grande parceira dos movimentos sociais. O curso é destinado a jovens ou professores do campo para atuarem nas séries finais do ensino fundamental e ensino médio, no campo, com ênfases nas grandes áreas do conhecimento.

Entre os programas de formação de professores que podem contribuir com esta licenciatura está o PIBID Diversidade, em que os discentes atuam nas escolas do campo auxiliando os alunos no processo de ensino e aprendizagem. Nesses locais observa-se que os alunos do campo possuem inúmeras dificuldades na escrita, nos cálculos matemáticos e em outros conteúdos, cabendo aos bolsistas licenciandos auxiliá-los na compreensão dos assuntos.

Essas características se devem a uma educação básica com deficiência entre as quais há uma metodologia urbana utilizada no campo, aliada a falta de formação para atuação em classes multisseriadas, além da localização de algumas escolas, longos trajetos com inúmeros obstáculos e atividades na agricultura que exigem a presença dos alunos em período de aula, logo, o PIBID Diversidade é de uma importante função nas escolas do campo. Dessa maneira surge a seguinte pergunta de pesquisa: qual a contribuição do PIBID Diversidade no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do campo, a partir da concepção dos gestores da escola Professor Basílio de Carvalho?

Assim, a pesquisa possui como objetivo geral: analisar a contribuição do PIBID Diversidade no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do campo a partir das concepções dos gestores de uma escola do campo do município de Abaetetuba/PA.

Para aperfeiçoamento desta pesquisa temos os seguintes objetivos específicos: I- Apontar as contribuições do PIBID no trabalho pedagógico dos professores e gestores, II- Analisar as atividades de ensino e aprendizagem desenvolvidas pelos bolsistas do PIBID Diversidade em sala de aula com alunos oriundos das comunidades de ilhas e estradas; III- Compreender as contribuições do PIBID Diversidade para o processo de ensino e aprendizagem a partir das falas dos gestores entrevistados.

O presente trabalho surgiu a partir da minha experiência enquanto bolsista no referido programa, durante as atividades desenvolvidas no programa PIBID Diversidade e no cotidiano da escola nos anos de 2016, 2017 e 2018. A pesquisa apresenta passos para entender qual o impacto das ações do PIBID Diversidade na escola Professor Basílio de Carvalho e de que forma a equipe gestora avalia a presença do programa no espaço escolar a partir da análise das afirmativas apresentadas por esses profissionais.

Observei que no período de estágio do ano de 2017 intensificou-se o diálogo e a parceria entre bolsistas, coordenação pedagógica e professores no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem, além da colaboração para a coordenação pedagógica em algumas atividades na escola. Por isso é relevante compreender as implicações do programa nas atividades do estabelecimento de ensino, nesse viés a opinião dos gestores é essencial para a

continuidade do programa, em caso de resultados positivos ou descontinuação em caso de resultados negativos.

A pesquisa tem como público alvo a equipe de gestão da escola composta por cinco (05) pessoas sendo um (01) gestor e um vice gestor além de três (03) coordenadores pedagógicos, os quais nem sempre são postos em destaque nas pesquisas sobre o PIBID. A equipe gestora, especificamente o gestor, não é apenas um personagem dentro do programa, mas possui fundamental importância no acompanhamento dos bolsistas, orientando sobre os desafios da escola e tornando-se coformador dos bolsistas licenciandos.

Assim, a gestão também sofre impactos com as ações do PIBID dentro da escola pública, os gestores devem estar abertos a opiniões e a novos aprendizados que o programa traz em sua bagagem. Surge, então, a possibilidade de novos projetos criados pela gestão e que vão contribuir significativamente para o espaço escolar e para os que estão inseridos nele.

Este trabalho está dividido da seguinte maneira: na primeira seção aborda-se um breve estudo sobre a instituição do PIBID no âmbito da CAPES, a atuação dos membros e a contribuição do programa com a formação de professores, seguido do subitem que desataca o subprojeto PIBID Diversidade na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Na segunda seção é apresentado ao leitor, o *lócus* de pesquisa e algumas atividades relacionadas à atuação dos bolsistas na escola.

A terceira seção trata da metodologia utilizada para esta pesquisa que se estruturou em uma abordagem qualitativa e foi realizada a partir de um estudo de caso, entrevistas semiestruturadas, transcrição de áudios e fundamentação teórica. Na quarta seção serão apresentadas as falas da equipe gestora, onde foram atribuídos nomes fictícios (Betty, Tereza, Eduardo, Gilberto e Leandro) para os entrevistados seguindo a ordem de entrevista. Após estas, segue as considerações finais e referências bibliográficas.

## **1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O PIBID NACIONAL E O PIBID DIVERSIDADE NO CAMPUS DE ABAETETUBA DA UFPA<sup>1</sup>:**

A portaria normativa Nº 38, de 12 de dezembro de 2007, institui o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID no âmbito do Ministério da Educação e Cultura, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. O programa constituiu-se no decreto Nº 7.219, de 24 de junho de 2010 que no artigo 1º determina a finalidade de “fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira” (BRASIL, 2010).

Para a execução deste programa eram dispostas as seguintes funções: licenciandos bolsistas, supervisores, coordenadores de área e coordenação institucional. Os primeiros estavam envolvidos diretamente com a escola, na sala de aula, acompanhando o desenvolvimento das atividades dos professores e alunos, auxiliando-os e intervindo quando necessário. Os supervisores eram professores da rede de educação básica e acompanhavam os trabalhos dos bolsistas, organizavam reuniões e formações teóricas, elaboravam projetos que contribuíam com as atividades dos bolsistas.

Os coordenadores de área acompanhavam os demais membros em suas atividades, auxiliavam a coordenação institucional, elaboravam e participavam de eventos. Por fim, a coordenação institucional era formada por um docente que representa o PIBID na instituição de ensino superior (IES) que zelava pela organização do programa e estava em constante contato com a CAPES. Além disso, encaminhava os relatórios produzidos, fechava parcerias com as escolas públicas atendidas pelo programa e garantia o bom andamento das atividades desenvolvidas pelos coordenadores da área, supervisores e bolsistas.

O PIBID atuava em escolas com baixo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e também contribuía com o desenvolvimento escolar e amenizava alguns problemas no ensino, possuía os seguintes objetivos:

- I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- II - contribuir para a valorização do magistério;

---

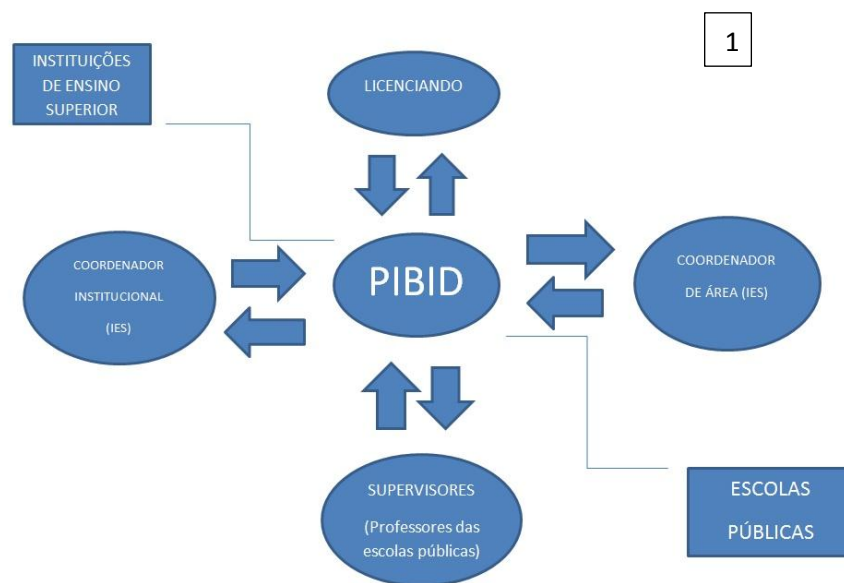
<sup>1</sup> Esta seção não apresentará dados sobre a crise que afetou o programa a partir de 2015 e que se agravou durante os anos de 2016 ao momento presente.

III - elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;

IV - inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;

V - incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como coformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e

VI - contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.



**Figura 2:** Desenho do programa

Fonte: Acervo do autor, 2018.

Ao ser lançado, em 2007, a prioridade de atendimento do Pibid eram as áreas de Física, Química, Biologia e Matemática para o ensino médio – dada a carência de professores nessas disciplinas. No entanto, com os primeiros resultados positivos, as políticas de valorização do magistério e o crescimento da demanda, a partir de 2009, o programa passou a atender a toda a Educação Básica, incluindo educação de jovens e adultos, indígenas, campo e quilombolas (BRASIL, 2013). Com o crescimento do programa que se tornou o maior em número de bolsas de iniciação a docência e de formação de professores, foi publicado pela CAPES e pela DEB (Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica) um relatório de gestão dos anos 2009 a 2013, sobre a evolução do PIBID.

O programa proporcionava ao licenciando uma experiência diferenciada com a escola e seu cotidiano, diferentemente dos estágios supervisionados que as licenciaturas propõem, o PIBID inseria os estudantes na rotina da escola e no acompanhamento específico de uma

turma. Segundo pesquisas bibliográficas realizadas no banco de teses e dissertações da CAPES por Verdum (2014), o programa contribui de forma única, tornando-se um meio de fácil acesso a execução da teoria e da prática.

Durante o período de vivência escolar, os licenciandos elaboravam e desenvolviam atividades didáticas e pedagógicas com os alunos referentes ao conteúdo programático ou relacionado a sua realidade, envolvendo também teorias e metodologias aprendidas durante a graduação. A partir disso, os licenciandos observavam os resultados obtidos após a intervenção, realizando reflexões que permitiam levá-los a discernir sobre a profissão que desejavam seguir futuramente e os desafios que ela possui. Desse modo, Freire (1995) afirma que um bom educador se constrói diariamente em sua prática e reflexão, possibilitando uma análise da prática docente e que é “pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 39).

O PIBID junto com o PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores) e outros programas governamentais destacava-se na formação continuada, no caso do PIBID, por trazer o licenciando para a sala de aula desde o início da graduação, nesses termos, Righi *et al* (2012) definem que a formação continuada é aquela que tem a graduação como formação inicial e prossegue na atuação profissional, Freire (1996, p. 39) pondera que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”.

Logo, analisa-se o PIBID como uma experiência de sucesso na formação dos professores, não somente em benefício da formação, mas fundamentalmente da inserção e da prática docente nas escolas (SINGORELLI & ANDRÉ, 2017). Para alguns professores a formação continuada é aquela que se dá com o acúmulo de títulos de especialização, mestrado e doutorado, porém nem sempre essa formação atende às necessidades de uma sala de aula. Como já vimos, a reflexão da prática é primordial para o processo de ensino e aprendizagem, assim como em grupos de debates, troca de experiências entre professores e planejamento pedagógico que contribuem para o êxito do professor e do aluno.

É muito comum encontrar em eventos que debatem sobre a formação continuada de professores trabalhos sobre o PIBID, como um elemento essencial de fortalecimento na formação teórica e prática dos futuros professores e daqueles da rede de educação básica que atuam como supervisores. Isso se deve ao fato de que além das atividades desenvolvidas na escola, os licenciandos, supervisores e coordenadores participam de formações teóricas e debates sobre diversos temas como projeto político pedagógico, metodologias de ensino, ação e reflexão na prática educativa, didática docente, ética, memória, identidade e outros, com

base em textos de grandes autores. Referente às formações teóricas dos membros do PIBID, em sua dissertação Carmo (2015, p. 101) afirma que:

Sem a convivência com a escola essas leituras não teriam sido tão potencializadas no período de formação inicial. É no encontro com as leituras possibilitadas pela formação acadêmica e na ressignificação das mesmas, possibilitadas pelo contexto escolar, que os bolsistas e seus colegas romperam com a visão simplista do ensino.

Dessa maneira Bahia e Souza (2016) apresentam uma experiência de formação inicial e continuada de professores através do PIBID e concluem que o programa é eficaz em meio a uma crise formativa nas licenciaturas. Reiteram a indispensável continuação do programa por atingir dois personagens importantes: os licenciandos e os professores das escolas públicas, além das parcerias entre universidade e escola básica que mutuamente se beneficiam com as atividades produzidas. Ambrosetti *et al* (2013) em suas pesquisas apresentam relatos de estudantes que se encontraram na docência através do PIBID, nelas alguns entrevistados afirmam que os estágios e a formação pedagógica do curso não eram suficientes, deixando algumas lacunas, entretanto o PIBID completou essa falha ao proporcionar maior contato com a escola.

Ademais, observa-se que a remuneração recebida pelos licenciandos bolsistas permite a continuidade destes nos cursos de graduação, como um auxílio para a formação continuada dos futuros professores. Em conversas informais alguns bolsistas revelam que o primeiro motivo da adesão ao programa foi a remuneração a fim de auxiliar nos estudos e despesas particulares, contudo com o passar do tempo apaixonaram-se pelas atividades propostas pelo PIBID e passaram a realizá-lo com satisfação.

O PIBID também é um lugar onde muitos descobrem que não se identificam com a docência. Ao chegarem à escola deparam-se com uma realidade totalmente diferente daquela imaginada, cheia de maravilhas, quando na verdade estão suscetíveis ao imprevisível no cotidiano escolar. Nessas circunstâncias, O PIBID ofereceu a certeza de que a docência não é algo fácil, por isso, alguns licenciandos após algum período desistem dos cursos, ficam frustrados diante dos desafios presente na escola pública, da rotina da sala de aula, da construção de um plano de aula e das relações com o outro no cotidiano escolar.

### **1.1 O SUBPROJETO ABAETETUBA: PIBID /DIVERSIDADE:**

O subprojeto PIBID Diversidade atende às especificidades das licenciaturas interculturais indígenas e de educação do campo. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) lançou, em 2010, o edital conjunto 002/2010/CAPES/SECAD-MEC – PIBID Diversidade que acolheu projetos destinados às

escolas indígenas e do campo (SANT'ANNA e MARQUES, 2015, p. 729). O Programa PIBID Diversidade objetivava:<sup>2</sup>

- I- incentivar a formação de docentes em nível superior para as escolas de educação básica indígenas, do campo – incluídas as escolas quilombolas, extrativistas e ribeirinhas;
- II- contribuir para a valorização do magistério intercultural indígena e em educação do campo;
- III- elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos das licenciaturas intercultural indígena e do campo, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- IV- proporcionar aos licenciandos oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar, nas perspectivas intercultural indígena e do campo, que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- V- envolver escolas públicas de educação básica de comunidades indígenas e do campo no processo de formação inicial para o magistério;
- VI- contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.
- VII- contribuir para a inserção dos estudantes de licenciatura na cultura escolar do magistério por meio da apropriação e da reflexão sobre instrumentos, saberes e peculiaridades do trabalho docente;
- VIII- dar visibilidade à investigação docente no âmbito dos processos próprios de ensino e aprendizagem, com vistas à intervenção pedagógica no desenvolvimento de metodologias específicas para a diversidade sociocultural e linguística, na perspectiva do diálogo intercultural;
- IX- propiciar um processo formativo que leve em consideração as diferenças culturais, a interculturalidade do país e suas implicações no trabalho pedagógico;
- X- contribuir para o fortalecimento das escolas por meio da reflexão crítica das atividades didático-pedagógicas, produzidas nos ambientes escolares e relacionadas às particularidades de cada comunidade ou região.

Atualmente, o programa regido pelo edital N° 66/2013, encontra-se extinto por meio da portaria CAPES n° 45, de 12 de março de 2018, que revoga a portaria N° 096<sup>3</sup>, de 18 de julho de 2013 e dispõe ainda sobre a concessão de bolsas e o regime de colaboração no Programa de Residência Pedagógica e o novo PIBID, sem a prorrogação do edital supracitado e também do edital N° 61/2013.

Com o subprojeto PIBID Diversidade as escolas do campo receberam em seu espaço um programa de grande importância para o desenvolvimento escolar que talvez nenhum

---

<sup>2</sup> Programa Institucional De Bolsa De Iniciação À Docência Para A Diversidade – PIBID Diversidade Edital N° 066/2013

<sup>3</sup> A Portaria 96, de 18 de julho de 2013, reforça o trabalho já desenvolvido pela Capes em prol da valorização da formação de professores, do estreitamento das relações entre as IES e as redes de ensino, da institucionalização do Pibid e da manutenção de princípios pedagógicos claros que possam nortear as ações dos projetos que estão sendo executados pelas instituições parceiras. (BRASIL, 2013)

projeto integrasse. Para os licenciandos de educação do campo a experiência em conhecer a realidade, o cotidiano da escola do campo foi um diferencial dos subprojetos. O artigo 1º do decreto nº 7.352/2010, no segundo inciso do primeiro parágrafo informa sobre a “escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo” (BRASIL, 2010).

Os licenciandos do campo trabalhavam práticas com alunos também oriundos do campo, contribuindo com o aprendizado, uma vez que conhecem ou se identificam com as realidades vivenciadas por cada um. Na educação do campo prioriza-se uma educação que seja feita a partir da realidade, contextualizada, que envolva os saberes tradicionais, as formas de vida e de trabalho, as organizações sociais, somados a memória e a identidade da comunidade. Tudo isso construído em projeto político pedagógico próprio da escola do campo em parceria com os sujeitos das comunidades, no entanto, a educação e a escola precária que o campo recebe atualmente não são capazes de suprir as necessidades reais do povo, não se adequa a realidade, obrigando os alunos a se adaptarem à realidade escolar, quando deveria ser o contrário.

Para se contraporem a esse tipo de sociedade e de escola é que os movimentos sociais do campo, desde a primeira Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, buscam garantir que os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas do campo estejam vinculados ao desenvolvimento da comunidade e sejam amplamente discutidos pelos sujeitos envolvidos (SOUZA *et al*, 2008, p. 25).

Para que isso seja efetivado é necessário que todos participem, a começar pelos sujeitos da comunidade exigindo seus direitos e participando das reuniões, além disso, são necessários professores que também tenham vínculo com o campo e não sejam os famosos “TQQ’s”, ou seja, professores que trabalham de terça-feira à quinta-feira. Ainda no que diz respeito a escola do campo, as metodologias devem ser direcionadas a realidade do aluno com um currículo próprio, não urbano cêntrico. Segundo Silva (2010) o currículo é aquilo que somos verdadeiramente, o que constitui a nossa identidade, sentimentos, está centrado em nossa vida, não é apenas um agrupado de conhecimentos científicos.

No cotidiano dos bolsistas do PIBID Diversidade, os licenciandos realizavam atividades lúdicas que complementavam um conteúdo escolar que se aproximava da vivência dos alunos. Não se tratava apenas de facilitar o conteúdo ou fazer com o que o aluno encontrasse em sua realidade o conhecimento científico, contribuindo com saberes tradicionais passados por gerações, o programa estava diretamente articulado à Educação do

Campo em que o licenciando vivenciava a docência na escola do campo com as populações dessa área.

A Universidade Federal do Pará, no Campus Universitário de Abaetetuba, foi contemplada com o subprojeto PIBID Diversidade e os bolsistas licenciandos eram formados por alunos do curso de licenciatura em Educação do Campo, ênfase em ciências naturais e atuavam em escolas do campo do município de Abaetetuba/PA, contidas em perímetro urbano, conforme os parâmetros do decreto nº 7.352/2010.

Apesar de ser um curso com ênfase na área de ciências naturais (química, física e biologia), o curso de educação do campo apresenta disciplinas como fundamentos da linguagem, matemática básica, geociências, direito agrário, biotecnologia, psicologia do desenvolvimento da aprendizagem, filosofia da educação e outros, os bolsistas realizavam oficinas ou atividades pedagógicas das mais diversas disciplinas como português, matemática, geografia e artes, permitindo que os licenciandos obtivessem um amplo conhecimento por meio de um trabalho interdisciplinar.

O programa era um dos principais no campus para a formação de professores da educação do campo, além do estágio em que havia prática docente, os licenciandos reuniam-se para a formação teórica. A partir disso, produziam artigos, relatórios e trabalhos de conclusão de curso sobre temas vivenciados no período de estágio, apresentando em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais e divulgando os resultados obtidos.

Através do programa ampliou-se o debate sobre a educação do campo durante eventos para outras licenciaturas que não discutiam o tema e nem possuem como proposta um estágio supervisionado nas escolas do campo, visto que muitos egressos de outras licenciaturas atuavam no campo sem compreender a realidade local ou o conceito de educação do campo, trabalhando com metodologias utilizadas na cidade. Em alguns casos são egressos que durante a graduação oprimiam os discentes do curso de educação do campo, fato vivenciado pelos discentes nos campi, a exemplo do campus de Abaetetuba/PA.

O PIBID Diversidade também fomentou a educação do campo e contribuiu nas lutas em defesa do sistema de organização modular de ensino (SOME). Sobre esse assunto, vale ressaltar que existe a possibilidade de se extinguir o SOME por meio de uma estratégia do governo estadual ao implantar o Sistema de Ensino Interativo (SEI) em que os professores serão substituídos por monitores, essa proposta não contempla a educação do campo e suas singularidades, além de excluir a possibilidade dos professores atuarem nas escolas de suas próprias comunidades.

## **2. AS ATIVIDADES DO PIBID DIVERSIDADE NA ESCOLA PROFESSOR BASÍLIO DE CARVALHO:**

### **2.1 APRESENTAÇÃO DO LÓCUS DE PESQUISA:**

A escola estadual de ensino fundamental e médio Professor Basílio de Carvalho, é uma escola centenária localizada no centro do município de Abaetetuba, possui turmas que vão desde o sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na modalidade de 1ª a 4ª etapa.

Encontra-se em perímetro urbano, porém é uma escola do campo conforme determina o artigo 1º do decreto nº 7.352/2010 e atende alunos oriundos predominantemente das inúmeras ilhas e ramais do município, como rio Jarumã, rio Campompema, rio Tabatinga, rio Maratauirá, ramal do Maranhão, Maúba, Abaetezinho, Camutim entre outros. Atualmente, a escola possui um anexo escolar nas ilhas de Abaetetuba, a escola Nossa Senhora da Paz localizada no rio Arumanduba.

Segundo o projeto político pedagógico da escola, ela foi fundada no dia 02 de abril de 1902 com o nome de Grupo Escolar Abaeté, anos depois passou a se chamar Grupo Escolar de Abaetetuba, dando início a educação no município. Com a inauguração do novo prédio no final da década de 40 a escola foi nomeada como Grupo Escolar Professor Basílio<sup>4</sup> de Carvalho e teve como primeiro diretor o Senhor Bernardino Pereira de Barros o qual posteriormente foi homenageado na inauguração de uma escola homônima.

Por ter sido a primeira escola fundada no município de Abaetetuba no começo do século XX, atendia aos filhos da população mais nobre do município que era formada pelos donos de engenho de cana-de-açúcar e comerciantes. Os primeiros professores eram filhos da terra que estudaram na capital do Estado e retornavam à cidade, sendo responsáveis pela implantação de um conselho escolar com base no decreto nº 1.689 de 28 de Abril de 1902 e selecionava rigidamente os alunos ingressantes por meio de testes de português, aritmética, zoologia, botânica, física, geometria, história do Brasil e geografia e tornou-se referência em educação de qualidade no município de Abaetetuba.

Possui 66 funcionários lotados em sua sede, onde também estão matriculados regularmente 1077 alunos, sendo 502 no turno da manhã, 453 no turno da tarde e 122 no

---

<sup>4</sup> Basílio Chrispim de Carvalho foi professor do Instituto Lauro Sodré em Belém, e também no município de Cametá/PA. Foi poeta, orador e deu nome para a antiga Travessa Basílio de Carvalho, em proposição do Coronel Aristides dos Reis e Silva em 1922, como homenagem e do Grupo Escolar Professor Basílio de Carvalho, antigo Grupo Escolar de Abaeté, onde também lecionou.

Disponível em <http://ademirhelenorocha.blogspot.com/2015/05/familia-carvalho-matriz-genealogica.html> Acesso em 28 de junho de 2018 às 15h e 30 min.

turno da noite na EJA, além disso, depois de mais de uma década a escola passou pelo processo de eleição direta para escolher gestor e vice gestor no ano de 2017, ocorrência que segundo Gadotti (2004, p. 95):

É apenas um dos componentes da gestão democrática do ensino público e só terá efeito prático eficaz se associada a um conjunto de medidas que garantam, por exemplo, a capacitação para a participação efetiva dos representantes dos segmentos escolares e da comunidade nos destinos da escola pública.

Por meio de conversas informais com funcionários da escola foi relatado que ela não recebe programas educacionais do governo, como o Mais Educação e o Mais Cultura há uns dois anos, conta apenas com o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE), Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

O prédio da escola sede passou por várias adaptações, devido localizar-se no centro da cidade e não existir possibilidades de expandi-lo para os lados, conta com 14 salas de aulas, sala dos professores, biblioteca, secretaria, diretoria, sala de coordenação pedagógica, copa, banheiros, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra de esportes. Em 2017, a escola foi contemplada com o projeto de reforma e ampliação do prédio no valor de R\$ 2.537.139,42 (dois milhões quinhentos e trinta e sete mil cento e trinta e nove reais e quarenta e dois centavos).



Figura 2: Visão frontal da escola e entrada principal. Figura 3: Visão lateral da escola já em reforma.  
Fonte: Acervo do autor, 2018.

A reforma da escola é algo muito almejado pelos funcionários e pelos alunos, há muitas reclamações em relação ao calor intenso, falta de cadeiras, mesas para professores e alunos e as que existem estão danificadas, além disso, falta espaço para recreação e arborização, quadra de esporte adaptada, a ausência de janelas causa muito barulho já que não há muros na parte externa da escola e constantemente passam carros com sons automotivos,

caminhões, motos e outros veículos, dificultando o andamento da explicação de conteúdo, além de chamar a atenção dos alunos.



Figura 4: Sala de aula com janelas danificadas.  
Fonte: Acervo do autor, 2018.



Figura 5: Sala de aula com riscos nas paredes.



Figura 6: Espaço interno



Figura 7: Pátio de Entrada da escola. Fonte: Acervo do autor, 2018.

No último IDEB de 2015, ano em que o PIBID já atuava na escola, a mesma obteve como resultado<sup>5</sup> **3,1** recebendo um sinal de atenção<sup>6</sup>, entretanto avançou em relação ao IDEB anterior<sup>7</sup> do ano de 2013 em que esteve com 3.0, resultado obtido através da Prova Brasil e outras atividades como olimpíadas de língua portuguesa e matemática para o ensino fundamental II. No ensino médio é avaliado por meio dos resultados da Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb).

Entre os anos de 2011 e meados de 2014 a escola recebeu em suas dependências o PIBID multidisciplinar em que os bolsistas licenciandos acompanhavam os professores das disciplinas, conforme as respectivas licenciaturas dos bolsistas. A partir de 2015 a escola passou a integrar o subprojeto Diversidade, os licenciandos de Educação do Campo passaram a colocar em prática o que aprenderam em suas formações acadêmicas. A partir da vivência

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado>> Acesso em 12 de maio de 2018 às 11h40min

<sup>6</sup> Disponível em:

<<http://www.qedu.org.br/cidade/3155abaetetuba/ideb/idebporescolas?dependence=5&grade=2&edition=2015>>

Acesso em 12 de maio de 2018 às 11h40min

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.escol.as/16800-prof-basilio-de-carvalho.amp>> Acesso em 12 de maio de 2018 às 11h40min.

na escola, os bolsistas observaram que língua portuguesa e matemática são as principais dificuldades que os alunos oriundos do campo possuem e, por isso, o IDEB da escola está abaixo do esperado.

Na tentativa de avanços nos resultados, o PIBID Diversidade contribuiu com essas escolas através das atividades didático-pedagógicas. A seguir serão apresentadas algumas atividades desenvolvidas pelo autor durante o período como bolsista no ano de 2017 na turma do sexto ano ‘A’.

## 2.2 “UM DIÁLOGO SOBRE MIM (MINHA IDENTIDADE<sup>8</sup>)”

Esta oficina objetivava construir textos, realizar autorreflexão sobre o autor, avaliar a escrita dos alunos: gramática e desenvolvimento ao escrever. Com os resultados dessa atividade constatou-se que boa parte da turma possuía dificuldades na escrita e ao responder perguntas reflexivas alguns alunos sentiam-se incomodados em relatar sobre suas vidas.



8



9



10

Figuras 8, 9 e 10: Alunos produzindo na oficina. Fonte: Acervo do autor, 2017.

## 2.3 “O DOMINÓ DAS OPERAÇÕES”

Durante o acompanhamento o bolsista observou que a turma sentia dificuldades na realização de cálculos matemáticos. Nas aulas semanais de matemática<sup>9</sup> era necessário que o

<sup>8</sup> O tema dessa oficina também contribui para o fortalecimento da identidade dos alunos, pois se percebe no cotidiano da escola e por meio de conversas informais com estes que alguns alunos sentem-se constrangidos ao revelarem a sua comunidade origem. Entende-se que para um indivíduo podem existir identidades múltiplas que podem ser construídas “pela necessidade de sobrevivência, bem como as intrínsecas variabilidades das relações sociais, e sua delimitação do contexto espaço e tempo em que o sujeito está inserido (SANTINELO, p. 155, 2011).” Sendo assim, podem variar conforme o ambiente, sem nenhum tipo de opressão. A identidade também é sinônima de resistência cultural.

<sup>9</sup> A matemática sempre foi vista como um “bicho de sete cabeças” para os alunos. Algumas dificuldades no aprendizado dessa disciplina estão relacionadas a desatenção, problemas auditivos e também a má interpretação de texto. Dessa maneira, a utilização de jogos lúdicos e a reformulação do ensino, permitem que o professor possa verificar tais causas que dificultam o aprendizado dos alunos.

bolsista estivesse acompanhando os alunos nas continhas, um por um para melhor entendimento, alguns afirmavam que não pediam ajuda a professora de matemática por medo ou por não terem uma boa relação com ela, a partir dessa problemática foi levado para a sala de aula o dominó das operações que estava disponível em um armário da escola, sem utilização.



Figuras 11, 12 e 13: Alunos em atividade com o dominó. Fonte: Acervo do autor, 2017.

Constatou-se que a minoria dos meninos<sup>10</sup> sentia dificuldades em reconhecer os sinais das operações e outros utilizavam calculadora por não terem o hábito de realizar cálculos mentais. Algumas equipes terminavam rápido o jogo quando começavam a socializar as continhas uns com os outros, com isso concluiu-se que a turma possuía mais afinidade com atividades lúdicas no processo de ensino, já que demonstraram maior interesse.

#### 2.4 “COMO ORGANIZAR UM TRABALHO ESCOLAR”

Observado que em atividades anteriores os professores reclamavam da falta de organização dos trabalhos da turma, o bolsista disponibilizou às crianças papel com pauta e os instruiu na elaboração de uma capa de trabalho e dos itens necessários para a construção, como o cabeçalho. Com isso, observou-se que a atividade foi relevante e atendeu às expectativas do bolsista diante do resultado dos trabalhos e muito elogiada pela coordenação pedagógica.



Figuras 14 e 15: Alunos na oficina: Como organizar um trabalho escolar. Fonte: Acervo do autor, 2017.

<sup>10</sup> A capacidade intelectual dos meninos não é colocada em questão, uma vez que seu insucesso é justificado de outras formas (DAL'IGNA, p.250, 2011). É bem comum ouvir dos professores que os meninos são mais distraídos, desinteressados, desatentos e inquietos enquanto que as meninas são sempre mais interessadas, atentas durante a explicação.

## 2.5 “BINGO DOS VERBOS”

No segundo semestre de 2017 a escola foi contemplada com o projeto de reforma do prédio centenário, paralelamente a isso ocorreu um pequeno período de greve dos rabeteiros<sup>11</sup>, causando grande preocupação para a gestão e os professores, no que diz respeito a grande ausência dos alunos em um período de finalização. Por esses e outros motivos, o término do ano letivo foi antecipado para o dia 15 de dezembro, dificultando o repasse muitos conteúdos programáticos para os alunos. Com a agilidade da escola em cumprir o prazo de entrega para a reforma e a adaptação à realidade em que os alunos estavam vivenciando, eles passaram a receber aulas no sábado por área de conhecimento.

Sendo assim, foi possível realizar apenas uma atividade no penúltimo dia em sala de aula, denominada, Bingo dos verbos, essa atividade foi essencial naquele período, pois segundo a professora de português não foi possível trabalhar todo o conteúdo de verbos, então apenas comentou-se o que seriam verbos e resolveram algumas questões relacionadas ao conteúdo. A professora de português pediu um reforço sobre verbos através desta oficina. A metodologia da atividade deu-se por meio de cartelas com os verbos conjugados e as ‘pedras’ eram verbos no infinitivo ao lado de um tempo verbal.

Os alunos deveriam flexionar os verbos na pessoa e no tempo solicitado, marcando a resposta correspondente em suas cartelas. Todos os alunos participaram da atividade e ficaram muito animados com as premiações, a turma compreendeu um pouco os tempos verbais e suas conjugações, destaca-se na atividade a utilização de verbos do cotidiano ribeirinho como pescar, lancear, remar, debulhar, nadar, apanhar e outros.



Figura 16: Bolsista e a turma após a última oficina do ano. Fonte: Acervo do autor, 2017.

<sup>11</sup> Condutores das embarcações fluviais escolares que conduzem os alunos até a escola. Recebe este nome devido ao formato do motor que possui uma parte comprida, denominada de rabudo.

### 3. METODOLOGIA DE PESQUISA:

Para fins desta pesquisa realizou-se um estudo de caso sobre o PIBID Diversidade, com base nos fundamentos teóricos de Yin (2011), que afirma ser uma estratégia de pesquisa bem coerente quando não se tem domínio total do fenômeno estudado geralmente da vida real.

Foi utilizada uma abordagem qualitativa a qual Gonçalves *et al* definem como aquela que “trabalha com questões difíceis de quantificar, tais como os sentimentos, as emoções, as decepções, as motivações, as crenças e os comportamentos dos indivíduos ou de uma coletividade.” (2014, p. 34). Segundo Minayo (2002), nesse tipo de abordagem encontramos um universo composto de muitos significados, valores importantes para os sujeitos da pesquisa, a partir disso foram agendadas previamente, conforme disponibilidade dos participantes, entrevistas semiestruturadas durante o período de pesquisa com o público alvo para obtenção dos dados. Minayo (2002, p. 57) descreve:

A entrevista é um procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada.

Esta pesquisa também se constituiu de um estudo descritivo a partir das observações, vivências e análises das contribuições do PIBID Diversidade para a escola estudada, na busca de também compreender os significados do programa identificados nas percepções dos entrevistados. O público alvo é a equipe gestora da escola Professor Basílio de Carvalho, composta por dois gestores (gestor e vice) e três coordenadores pedagógicos. Os gestores são graduados em Letras e Matemática, respectivamente, e os coordenadores graduados em pedagogia.

As entrevistas foram realizadas semanalmente entre os meses de março e abril de 2018, os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido que segue as normas de pesquisa humana da resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Os entrevistados contaram com doze perguntas sobre o tema que serviram como base para a entrevista, as falas foram gravadas com a utilização do celular e registradas em anotações no caderno do pesquisador, posteriormente os áudios foram transcritos e analisados com o auxílio de fundamentação teórica. Para análise das falas serão atribuídos nomes fictícios aos entrevistados por ordem de entrevista: Gestora Betty (participante 1), Gestora

Tereza (participante 2), Coordenador Eduardo (participante 3), Coordenador Gilberto (participante 4), Coordenador Leandro (participante 5).

#### **4. O PIBID DIVERSIDADE A PARTIR DAS FALAS DA EQUIPE GESTORA:**

A pergunta inicial das entrevistas refere-se ao surgimento da parceria entre o PIBID Diversidade e a Escola Basílio de Carvalho. Segundo a equipe gestora, a coordenadora institucional do PIBID Diversidade, acompanhada dos supervisores do programa, foi quem estabeleceu contato com os gestores da escola, apresentando o programa e seu objetivo que foi muito bem aceito pela escola. Em seguida, perguntou-se o que os entrevistados entendem sobre o PIBID Diversidade:

Acredito que seja uma forma de... um projeto no caso quem além da pesquisa busque trazer mais conhecimentos para os alunos, principalmente da parte inicial do ensino fundamental. Eu vejo dessa forma (GESTORA BETTY).

É um programa criado pelo governo federal, de extensão que busca levar os estudantes pra escola, pra que eles tenham contato com a realidade, antes mesmo de se formar (GESTORA TEREZA).

Eu entendo por PIBID Diversidade, que os PIBID's que não são diversidade, eles tem um outro ramo de conhecimento, não sei se seria a palavra certa, mas o diversidade já é mais voltado para as questões culturais, etno raciais, uma nova visão de diversidade, uma visão que a gente não tem só do PIBID normal, mas sim uma visão geral relacionado na diversidade cultural (COORDENADOR EDUARDO).

O PIBID tem um objetivo legal. É bom ter o contato com a escola pública muito antes de se formar, oportunidades que eu não tive, e podem até se frustrar quando a carreira profissional for efetiva (COORDENADOR GILBERTO).

É um programa do governo, um programa de iniciação a docência, em que a universidade seleciona alguns alunos para a iniciação a docência, e esses alunos vão para as salas de aulas com os professores. Elaborar projetos, desenvolver projetos na escola, pelo menos no ano passado nós tivemos algumas turmas que desenvolveram projetos, projetos muito bons por sinal. (COORDENADOR LEANDRO)

Observa-se na fala da Gestora Tereza que ela compreende o que seria a atividade principal do PIBID, mas assim como os outros tem dificuldade em definir o que seria Diversidade para este programa, no entanto, o Coordenador Eduardo tenta conceituá-lo, ainda de forma incompleta. Dessa maneira, os entrevistados relataram sobre as contribuições do PIBID Diversidade no ensino e aprendizagem para os alunos do campo.

Olha pelo que eu vi nesses últimos anos aqui na escola, tem ajudado bastante principalmente nas atividades diferenciadas, lúdicas, que chama a atenção, fogem um pouco do cotidiano da sala de aula normal, quadro, as didáticas normais que costumamos ter aqui na escola (GESTORA BETTY).

Olha eu vou falar pela escola que conseguiu trabalhar algumas dificuldades dos nossos alunos, aqui na escola nós também temos alguns alunos do campo, tiveram a possibilidade de receber uma espécie de aulas

suplementares na leitura, na matemática. Então a contribuição para nós foi bastante relevante (GESTORA TEREZA).

O PIBID só acontece no fundamental de manhã e à tarde. O que eu percebo dos alunos [*bolsistas*] é aquele interesse, é claro não são todos né, a gente tem que frisar isso. Aquele interesse por estar na escola, se bem que eu vou te ser sincero, eu ainda não entendi como isso flutua em relação a conhecimento, porque a gente sempre diz assim: Educação do campo. Mas eu sempre pergunto você está na educação do campo, mas você é de que área? Aí muitos não sabem me falar de área eles são. ‘Ah a gente ainda vai decidir de que área que é!’ de que modo... Eu fico pensando o que é que significa o PIBID, não só pra mim, mas também o que significa pra ele porque se um aluno ainda não se decidiu, que ainda não se identificou com a sua área ou o que é que ele vai querer, ‘ah no final do curso é que eu vou decidir’, aí eu fico pensando como é que ele vai trabalhar. Porque uma coisa é você dizer, eu sou de português, eu sou de matemática, eu sou de CFB, mas eu acredito que o projeto, vocês já tenham consciência disso. Nós aqui ainda não temos, mas eu acredito que vocês como PIBID Diversidade já tem consciência disso. [...] (COORDENADOR EDUARDO)

No ano passado, nós tivemos uma experiência muito boa com a equipe, na verdade com duas meninas de linguagem, que elas desenvolveram projetos de paródias no sexto ano, que foi assim um projeto muito bom, que contribuiu muito, a gente viu a atuação das meninas, eu acho que contribuiu muito assim na parte de leitura com os alunos, pra eles... Porque os alunos são tímidos, pra dar uma melhorada nessa timidez deles. A gente foi assistir, foi muito bom (COORDENADOR LEANDRO)

Nos relatos acima das Gestora Betty e Tereza e do Coordenador Leandro, eles destacam que o PIBID Diversidade contribuiu com atividades de língua portuguesa e matemática que são as principais dificuldades de aprendizado dos alunos, além de atividades lúdicas que não seguem a rotina da sala de aula como a atividade de construção de paródias citada pelo Coordenador Leandro, eles enfatizam a utilização do lúdico nessas atividades que segundo Almeida (2013, p. 31):

Usar o lúdico pode ser uma maneira eficaz de ministrar conteúdos, de modo que relacione esse conteúdo à realidade do educando, enfatizando, em muitos casos, a interdisciplinaridade. Mediante o jogo ou qualquer forma lúdica o aluno dá o melhor de si, ele pensa e apresenta valores, pois cresce cognitivamente e, ao mesmo tempo abre a possibilidade da relação com o mundo.

Com isso, considera-se que as contribuições do PIBID à escola são construídas de um perfil profissional dinâmico, criativo e reflexivo que sem dúvida provoca reflexos positivos no processo formativo de crianças e jovens, além de comprovar que essa política de formação de professores é um caminho promissor à valorização do magistério e à potencialização da escola na busca por melhor qualidade educativa (SIGNORELLI & ANDRÉ, 2017).

O Coordenador Gilberto afirmou não ter contato com as atividades desenvolvidas pelos bolsistas, por isso não respondeu a essa pergunta, notou-se ainda na fala do Coordenador Eduardo um questionamento sobre a área de atuação dos bolsistas do PIBID Diversidade que são graduandos do curso de licenciatura em Educação do Campo, segundo o entrevistado os bolsistas do PIBID encontram-se em uma situação confusa sobre a ênfase do curso.

A percepção do entrevistado talvez esteja relacionada ao fato de que os bolsistas costumam realizar atividades com os alunos sobre matemática e língua portuguesa, disciplinas que mais concentram os problemas de aprendizagem, porém não são as ênfases das atuais turmas do curso de Educação do Campo do Campus de Abaetetuba onde os bolsistas estudam. Vale ressaltar que esse aspecto acaba permitindo aos bolsistas ampliar o campo de conhecimento e desenvolver maior autonomia para produzir atividade em novos conteúdos, Pimenta (2005, p. 71) afirma:

Nos processos de formação de professores, é preciso considerar a importância dos saberes das áreas de conhecimento (ninguém ensina o que não sabe), dos saberes pedagógicos (pois o ensinar é uma prática educativa que tem diferentes e diversas direções de sentido na formação do humano), dos saberes didáticos (que tratam da articulação da teoria da educação e da teoria de ensino para ensinar nas situações contextualizadas), dos saberes da experiência do sujeito professor (que dizem do modo como nos apropriamos do ser professor em nossa vida). Esses saberes se dirigem às situações de ensinar e com elas dialogam, revendo-se, redirecionando-se, ampliando-se e criando.

Ainda assim, alguns dos licenciandos podem ter dúvidas sobre as disciplinas em que irão atuar, sendo estas: biologia, física ou química, já que serão habilitados na área de ciências naturais. O programa possibilita a atuação desses graduandos em sala de aula com professores, auxiliando aos alunos em suas dúvidas, além de desenvolverem oficinas didáticas e pedagógicas durante os horários vagos semanais, durante três dias é solicitada a presença dos bolsistas na escola para que realizem suas atividades. Sendo assim, perguntou-se como os entrevistados descrevem a atuação dos bolsistas do PIBID Diversidade na escola.

Olha pelo menos no turno da manhã que é o qual eu trabalho, eu não tenho queixa de nenhum. Claro que tem alguns que se destacam mais. [...] Mas digamos que a grande maioria sempre contribuiu bastante com a escola e com os alunos (GESTORA BETTY).

Vou falar pelo meu horário [*Horário de trabalho da entrevistada*] os que foram comprometidos o trabalho foi excelente. Mas assim, tiveram monitor e monitores. O primeiro grupo de monitores era bastante comprometido e conforme foi saindo, nós fomos perdendo mais isso. Aí já foram restando poucos, mas de início o trabalho foi muito bom. Vários monitores que estavam na sala de aula, então eles tiveram uma participação bastante efetiva na escola (GESTORA TEREZA).

Eu vou falar do turno da tarde. Desde que eu entrei, uma turma se constituiu bem presente. Com o passar do tempo, a gente vê uma redução, não sei por que motivo. E até a própria escola vê o PIBID como uma espécie de ajuda pra dentro da sala de aula. Poxa a gente não quer que ele fique só sentado, o próprio professor sente a necessidade dele estar andando na sala de aula, está se comunicando com os alunos, ajudando na questão do processo aprendizagem. E eu percebo assim dos professores, que eles veem nos alunos [*bolsistas licenciandos*], eles não gostam que os alunos fiquem só olhando pra eles, mas que eles façam essa interação. Vejo a professora [*coordenadora institucional*] dizendo assim: ‘eles não podem assumir regência, não podem.’ Eu sou consciente disso, alguns professores dizem assim: ‘não, mas o aluno tal, ele tem condições porque eu já vi ele trabalhando, ele tem aquele domínio com os alunos’, mesmo assim a professora deixa isso bem claro que não podem assumir regência. Mas eles fazem assim, não são todos, mas uma grande maioria sempre se faz presente na sala de aula [...] nas turmas que eu vou, ultimamente eles estão, principalmente se for português e matemática, se o professor tá pra um lado, o bolsista tá pro outro, não ficaram mais só sentadinhos, passando o horário só observando. Ultimamente, eu tenho visto isso (COORDENADOR EDUARDO).

Tem alunos do PIBID que se dedicaram. Tinha bolsista que não tinha compromisso em ensinar os alunos, se dedicar. Viam as dificuldades e ficavam frustrados com a realidade. Por isso alguns só assinavam e iam embora. O olhar de alguns bolsistas do PIBID discriminava os alunos (COORDENADOR GILBERTO).

Eu vou falar pelo que eu ouço muito dos professores. Alguns professores como os de língua portuguesa e matemática, elas fizeram reclamações de alguns. Disseram que tem uns que só vão pra sala de aula e ficam lá no canto, não contribui, não ajuda. Tem uns que tem um desempenho melhor, que chega na hora na sala de aula, ele contribui com o professor, sem o professor tá pedindo, ele mesmo se dispõe a ajudar os alunos que tem dificuldade, mas tem uns que vem mesmo só por vir. Isso é a fala de alguns professores, eu não tenho como dizer: ‘ah é verdade!’ porque eu não estou na sala de aula, mas é o que a gente houve dos professores. Não são todos, mas tem uns que realmente chegam para digitar no celular na sala de aula (COORDENADOR LEANDRO).

Os entrevistados enfatizam em suas falas que houve monitores que se destacaram fazendo um bom trabalho nas turmas e aqueles que não produziram de forma satisfatória. Analisando os relatos, destaca-se a importância do número de bolsistas atuando na escola, segundo os entrevistados o trabalho foi melhor quando havia uma quantidade de bolsistas suficiente para atender todas as turmas, a partir do momento em que o número passou a ser reduzido o trabalho tornou-se mais difícil, pois os bolsistas trabalhavam em grandes equipes de oficinas e articulavam-se entre duplas, conforme as séries, por exemplo, equipe de bolsistas do sextos e sétimos anos e equipe de bolsistas dos oitavos e nonos anos. Nesse contexto, Freire M. (1996, p.07) complementa sobre trabalho coletivo:

Aprendemos a pensar junto com o outro [...] Aprendemos a ler, construindo novas hipóteses na interação com o outro. Aprendemos a escrever organizando nossas hipóteses na interação com as hipóteses do outro. Aprendemos a refletir, estruturando nossas hipóteses na interação e na troca com o grupo. A ação, a interação e a troca movem o processo de aprendizagem.

É comum entre as falas de alguns entrevistados que muitos bolsistas não estavam trabalhando de forma correta, o celular era a principal causa de queixa. Para Felicetti & Morosini (2010), o comprometimento do educando parte de sua vontade de aprender, pois só aprende quem quer e só ensina aquele que deseja ser ensinado, isso é fundamental em qualquer trabalho docente, se o bolsista não se dispõe a efetivar seu trabalho com excelência, logo não será um professor comprometido com o trabalho na educação.

Para o Coordenador Eduardo, a escola observa o bolsista como um membro importante no processo de ensino e aprendizagem, por isso precisava de sua autonomia para contribuir com o ensino dos alunos e as atividades programadas pelo professor, que enquanto profissional em sala de aula, não consegue sozinho oferecer atenção a toda turma. De acordo com o Coordenador Leandro, alguns professores de matemática e português reclamaram da atuação de alguns bolsistas que não se colocavam a disposição durante as atividades, uma vez que os bolsistas devem desenvolver atividades com conteúdo referentes a essas disciplinas. Nesse contexto, Freire (1987, p. 265) complementa:

[...] não é possível a qualquer indivíduo inserir-se num processo de transformação social sem entregar-se inteiramente a conhecer, como resultado do próprio processo de transformar; mas, também, ninguém pode se inserir no processo de transformar sem ter no mínimo, uma base inicial de conhecimento para começar. É um movimento dialético porque, de um lado, o indivíduo conhece porque pratica e, para praticar ele precisa conhecer um pouco.

Para o Coordenador Gilberto, muitos licenciandos frustravam-se ao se deparar com a realidade da escola, muitas vezes privando-se de ajudar aqueles alunos que apresentavam dificuldades, assinavam o livro de ponto e iam embora. Com isso, observava que estes que não permaneciam na escola, com toda certeza, não seriam bons profissionais. Desse modo observa-se que muitos estagiários sentiam-se decepcionados com a realidade escolar que encontravam, principalmente nas escolas públicas onde existem muitos desafios pedagógicos. Sobre isso, Teixeira *et al* (2010, p.09) afirmam que:

Há algum tempo temos percebido que não é incomum alunos desistirem da carreira docente no momento em que fazem o estágio supervisionado e entram, efetivamente, em contato com a realidade do ambiente escolar onde vão, futuramente, exercer a profissão.

A Gestora Tereza, em conformidade com o relato do Coordenador Eduardo, comenta que em seu horário de trabalho as atividades foram realizadas com sucesso, observando que os primeiros grupos de bolsistas eram bem mais ativos na escola, ainda no que diz respeito a atuação dos bolsistas na escola, segundo um dos entrevistados, os integrantes do PIBID Diversidade não poderiam assumir a regência, como acordado com a coordenação do programa. Quando perguntados sobre o papel dos bolsistas em sala de aula, na ausência de professores durante a semana, os entrevistados deram as seguintes respostas:

Já aconteceu, mas não era regra. No caso, nunca era com aula, sempre com uma atividade programada e diferenciada (GESTORA BETTY).

Sim, cobriam, bastante, principalmente de manhã. [...] Foi feita uma reunião, no caso com a coordenadora e com o coordenador, e que eu pedi isso deles, se eles poderiam exercer as oficinas deles nesses horários vagos ou quando os professores faltassem. Ai eles falaram que se fosse voltado para as atividades deles, sim, mas que eles não eram obrigados de certa forma a exercer o horário do professor, a não ser que realizassem atividades deles, próprias (GESTORA TEREZA).

Há dois anos atrás, aconteceu isso no turno da manhã. No turno da tarde, eu soube de um caso porque a professora queria que ficasse e a aluna se propôs a ficar. Mas tirando isso... Depois a professora [*coordenadora do programa*] conscientizou e não houve mais essa... De o aluno ficar só com a turma (COORDENADOR EDUARDO)

Tem professores que querem que o bolsista assuma a turma (COORDENADOR GILBERTO).

Que seja do meu conhecimento, não. Mas... Eu pelo menos nunca pedi, mas de manhã [...] sempre aproveita quando não tem, mas só que eu da minha parte orientei que não era para cobrir o professor, mas para aproveitar esses horários vagos, essa falta de professores, para desenvolver os projetos porque vocês tem que ter projetos na escola né? Então a minha orientação... foi essa (COORDENADOR LEANDRO).

Segundo as orientações da coordenação institucional, os bolsistas não deveriam fazer nenhum tipo de regência, pois ainda estavam em formação acadêmica e não era o objetivo do programa, no entanto, em muitos momentos no turno da manhã, segundo os entrevistados, foi necessário que os bolsistas assumissem para que os alunos não ficassem ociosos na ausência de professores ou utilizar os horários que estavam disponíveis para realizarem atividades próprias do programa. Em outros momentos os pedidos partiam dos professores para que os bolsistas assumissem as turmas, pois já apreciavam o trabalho de alguns e reconheciam a capacidade destes, principalmente quando tinham que antecipar o horário em outra turma, durante a semana alguns bolsistas tinham horários próprios para a realização de suas atividades.

Para que as atividades do PIBID Diversidade ocorressem de forma eficaz, contextualizada e reflexiva diante do cotidiano escolar, os bolsistas buscavam formações teóricas e metodológicas semanais que contribuíssem significativamente para a práxis com alunos, concomitante a isso, os entrevistados deram algumas sugestões para que o trabalho pedagógico dos bolsistas junto aos alunos, oriundos do campo, pudesse ser aprimorado:

Eu acredito que o número de bolsistas influencia bastante. Quando normalmente iam fazer trabalhos em dupla na sala de aula, dava pra vê que o resultado era melhor, então a sugestão seria o número maior de bolsistas (GESTORA BETTY).

Na verdade não era nem melhorar. Na verdade era estender as atividades já que o programa foi cancelado. O primeiro ponto era estender, o segundo ponto era a presença mais efetiva dos coordenadores aqui na escola que nós não tínhamos, podíamos perceber que até 2016 eles vinham bastante, depois deixaram de vir. Então não tinha aquela cobrança da coordenação do PIBID e eu acho que aumentar o número porque nós ficamos com um número muito pequeno de monitores. Eu acho que se aumentasse isso ia melhorar bastante no trabalho da escola e dos monitores (GESTORA TEREZA).

A partir dos comentários acima, observa-se que o número de bolsistas contribuiu para um bom trabalho na escola, como já observado anteriormente. Nos últimos anos, a escola sofreu uma redução no número de bolsistas, alguns discentes concluíram a graduação tendo que deixar o programa, além da inclusão de mais uma escola na parceria com o programa. Assim, os monitores que permaneceram na escola estavam fixos apenas aos sextos e sétimos anos os quais precisavam de mais atenção. Para a Gestora Tereza, a presença assídua dos coordenadores e supervisores do programa é fundamental para o diálogo com a escola.

Eu tenho uma proposta deles se engajarem mais com o professor. Deles serem mais assim... olha, é isso que eu quero. É português, é matemática, é CFB, é isso que eu quero. Ter uma maior atitude, uma maior autonomia, porque é isso que os professores esperam, eles não querem que ele fique só sentado, observando. Eles também querem que tenha aquela interação maior com os alunos. [...] (COORDENADOR EDUARDO).

Para o Coordenador Eduardo, a sugestão é que os bolsistas tenham mais autonomia dentro da sala de aula e possam auxiliar os alunos sem que o professor solicite, interagindo com a turma e o professor. Afirma que não consegue identificar tal como os bolsistas, as dificuldades apresentadas, já que não há como oferecer atenção especial a todos em uma sala de aula.

Sempre acompanhei os eventos do PIBID e GEPEM. Nesses eventos sempre tinham trabalhos sobre a escola. Quando apresentavam esses trabalhos, os bolsistas só 'avacalhavam' com escola, sem mesmo nem conhecê-la de verdade. Considero isso até uma falta de ética. Às vezes nem apresentavam soluções para o problema encontrado. Nunca recebi trabalhos para a escola

ampliar a atividade e trabalhar nisso. Alguns não conversavam com a coordenação pedagógica. [...] Precisa ser mais ético (COORDENADOR GILBERTO).

O Coordenador Gilberto apresenta uma informação importante em sua fala: a ética, que para Vasquez (1978) refere-se a uma reflexão sobre a postura de ser e agir diante dos valores de uma sociedade. Desse modo, como parte da vivência escolar, os bolsistas do PIBID Diversidade elaboravam trabalhos sobre fatos que observavam no cotidiano escolar, em muitos deles, várias problemáticas eram encontradas e que segundo o entrevistado ainda não estavam solucionadas, sendo que essas questões não eram informadas à gestão para que fossem amenizadas ou erradicadas. Afirma ainda que situações como essa expõem a escola, deixando-a em situação de vulnerabilidade, desacreditando-a diante da comunidade, afirma que para apresentar coisas do tipo é necessário uma vivência total e um conhecimento profundo da realidade escolar, antes de expor em eventos ou seminários, o PIBID Diversidade precisa ser mais ético nesse sentido, sem expor algumas dessas mazelas sociais, comum em uma escola centenária como essa.

Eu acho que continuassem ou que retomassem o desenvolvimento desses projetos de leitura, principalmente de leitura que é a dificuldade maior dos alunos, ou então que tivessem preparados, por exemplo, faltou aquele professor, nós vamos aproveitar aquele horário, para desenvolver os nossos projetos pra dá retorno tanto para a escola quanto pra própria universidade (COORDENADOR LEANDRO).

Diferentemente dos outros, o Coordenador Leandro afirma que a continuação de projetos que envolvam a leitura e escrita são essenciais para um bom trabalho nas turmas, reitera também que os bolsistas estejam atentos, com as atividades prontas, pois se caso houver a falta de um professor, possam estar organizados e assim realizar as atividades para que os alunos não fiquem dispersos pelos corredores, devem realizar planejamento, visto que “o preparo das aulas é uma das atividades mais importantes do trabalho do profissional de educação escolar. Nada substitui a tarefa de preparação da aula em si” (FUSARI, 2008, p. 47). Desse modo, com essas sugestões, Gatti *et al* (2014, p. 111) destaca que:

Considerar esses aspectos pode levar à consolidação dos avanços já delineados com o acréscimo de algumas melhorias na gestão, de modo a garantir maior eficácia desse programa de fomento considerado como uma das melhores iniciativas em política coadjuvante à formação inicial de professores para a educação básica.

Em relação ao suporte que a escola oferece para a execução das atividades do PIBID Diversidade, as professoras Betty e Tereza limitaram suas falas apenas a materiais pedagógicos, entretanto, os professores Eduardo e Leandro não consideraram os materiais

como suporte e nem apresentaram algo referente ao assunto e indiciam algumas causas para isso. Observa-se ainda que a gestão passa por problemas e depreende-se pelas falas que isso afeta de alguma forma o PIBID Diversidade na escola.

Olha a gente tenta oferecer a questão de materiais, equipamentos como suporte pedagógico, a coordenação é que faz esse intercâmbio com eles (GESTORA BETTY).

No segundo ano, a escola adquiriu bastante recursos para os monitores tanto que nós temos esses recursos até hoje: kits pedagógicos, jogos educativos foram adquiridos, mas como a escola ficou sem recurso, a escola acabou deixando de dar esse suporte para os monitores que teve no segundo ano de participação deles aqui (GESTORA TEREZA).

Infelizmente nenhum, porque não oferece suporte nem para coordenadores e muito menos para os professores. Em relação à coordenação, ela tem muitas dificuldades em realizar suas tarefas, ela não tem computador, ela não tem uma impressora, ela não tem um espaço bom, ela tem apenas uma sala que é insalubre, que é calorenta, que não oferece condições. [...] Então, materialmente ela não oferece nenhum benefício para que o professor, o coordenador possa desenvolver suas atividades (COORDENADOR EDUARDO).

Eu acho que tá deixando um pouco a desejar por parte da coordenação, assim justamente por essa orientação de sentar, de ter alguma coisa elaborada junto com o PIBID e aproveitar o programa para ajudar os alunos, eu acho que falta, está faltando alguma coisa. Esse suporte maior, essa interação (COORDENADOR LEANDRO).

Quando perguntados se houve algum tipo de orientação pedagógica para o programa, responderam:

Olha, eu acredito que sim. É mais a questão de orientação de sala de aula (GESTORA BETTY).

Já teve. No segundo ano também teve. Que foi uma reunião geral que teve com eles e com a coordenação do PIBID. Foi pra orientar as atividades deles em sala de aula, estavam presentes todos os monitores e a coordenação geral do PIBID aqui na escola. Foi a única orientação geral que teve que foi no início de 2017, creio eu (GESTORA TEREZA).

[...] Porque elas chegaram a tomar conta de turmas, uma vez que não tinha professor, não tinha professor para aquela determinada disciplina, dificuldade de horário vago, elas se proporem, elas fizeram atividades com eles falando sobre temas transversais, na verdade, elas estavam mais presentes nesse momento tão difícil, que o estado não oferecia professor, a própria organização aqui do trabalho, nos horários vagos. Elas tinham aquela responsabilidade, elas se sentiam responsáveis em estar com aqueles alunos. ‘Não professor, me dei que eu vou!’ ou então ‘professor é pra pedir pra tal professor?’, ou copiavam pra subir o horário da matéria até chegar o horário pra eles não ficarem ociosos, se não ficavam subindo e descendo, gritando. Então elas faziam esse trabalho que estou fazendo, elas não davam aula, mas elas faziam esse subsidio. Às vezes tinham atividades, elas levavam pra sala,

vamos resolver, e elas ficavam mais ou menos com isso. Que não deixa de ser uma regência (COORDENADOR EDUARDO).

Antes, até o início do ano passado [2017] eu vi algumas vezes assim [...], mas esse ano eu ainda não vi essa conversa, essa orientação. Já pedi, mas não vi resultado ainda (COORDENADOR LEANDRO).

Percebe-se que houve uma apresentação geral sobre o programa para escola, a partir daí não se orientou sobre a prática na sala de aula. Nota-se na fala do Coordenador Eduardo uma conversa diária com os bolsistas, dessa maneira é necessário que exista uma boa relação entre as pessoas no ambiente de trabalho, por isso, perguntou-se aos entrevistados como era a relação destes com os bolsistas e como observavam a relação com os alunos e professores.

Olha, falando por mim é boa. Nunca tive problema com nenhum bolsista. Queixas com relação à parte desse turno não tem. Olha, dos professores com bolsistas nunca tive queixa nenhuma, pelo contrário, bastante elogios. Com alunos também, nunca tive queixa [...] pelo contrário só elogios (GESTORA BETTY).

Eu vou falar pelo meu turno. Eu creio que foi boa, pelo menos eu consegui estabelecer um bom contato com eles e eles da minha parte. Pelo menos no turno em que trabalho, eu não tive problema nenhum pra estar junto com eles pra está orientando, desenvolvendo atividades, pelo menos não senti dificuldades também da parte deles, porque eles conseguiram desenvolver o trabalho deles com bastante sucesso na sala de aula. Eu acho assim, como eles não estavam em todas as turmas, a relação deles foi mais próxima com os professores das turmas em que eles estavam. Não tinham contato, por exemplo, com os professores do médio, porque não era o público alvo deles. Mas as turmas que eles entravam eram o contato mais próximo que eles tinham, portanto se relacionavam mais com os professores das séries em que eles estavam. Se o bolsista estava no sexto ano A, ele se relacionava com os professores do sexto ano A. Se o bolsista estava no sexto ano B, ele se relacionava com os professores do sexto ano B. não houve nenhum conflito, não que eu tenha conhecimento. Também vou falar pelo turno da manhã, porque eu via que os bolsistas nos ajudavam muito, então não teve nenhum conflito. [*e com os alunos?*] também não ouvi reclamações, até porque eles aprenderam bastante. Havia preferências, por exemplo, havia bolsistas que preferiam ficar com o professor x do que com o professor y, mas por conta da sua linha de pesquisa. Tipo se ele ia se formar em matemática, ele gostava mais de ficar com o professor de matemática, se era português, ele preferia ficar com o professor de português, mas não era algo ruim, era porque eles queriam aprender mais com ele (GESTORA TEREZA).

Analisando as falas acima, observa-se que em um turno não houve problemas entre as pessoas, pelo contrário, o trabalho foi bem efetivo e participativo com a gestão, professores e alunos.

À tarde, eu sempre costumo fazer uma amizade com elas. Elas são minhas parceiras, eu sempre falo isso. Dos professores com os bolsistas, são poucos que aceitam. Eles dizem assim... Quando o bolsista não se faz participativo, eles reclamam do bolsista, participativo no sentido de estar com o professor,

por exemplo. Tá passando matemática e aquele bolsista se identificou com a disciplina, então ele começa a ajudar. Então bolsista passa a ser parceiro do professor. A partir do momento... Depende muito bolsista. Aquele bolsista tá alí, quieto, não vou te mentir, uma das grandes reclamações dos bolsistas pelos professores para nós é o uso de celular. Você tá ali, sentadinho, não observa nada, fica quietinho, passa a tarde inteira no celular, e outras questões que a gente observou, não neste ano mais nos outros é chegar no final do horário, assinar e vai embora. Eu sei que eu não deveria tá falando isso, mas foi uma coisa que eu observei, muitas chegavam assinavam e passavam direto, nem queriam entrar na sala. ‘Ah como é que você observava isso?’, não fui eu que observei, eram os professores, o resto da escola, a direção que observou, e tipo assim, o aluno veio e não teve aquela responsabilidade de estar. Mesmo quando eu procurava ‘cadê tal bolsista?’ ele já tinha ido embora. Ele assinou e foi embora pra sua casa. Isso aconteceu em 2016, 2017. Principalmente em 2016, onde era um número maior, então por ser um número maior, você não tinha aquele controle. [...] É aquele que tá mais presente. É aquele que tá mais resolvendo com eles, eles se afinam mais, até mais que o próprio professor. Isso eu percebo. Mas não são todos, depende do bolsista. Tem bolsista que entra na sala, vai pro *whatsapp*, termina o horário, ele vai embora pra casa dele e acabou. Nem cumpri seu horário. Eu acredito que tenha horário, não sei como é. Tem bolsista que pensa que a gente não tá observando, não é só ele que observa a escola, mas a gente também observa. Eu procuro ser mais parceiro, porque eu não fico diretamente sentado. No que depender de mim eu tô sempre ajudando. E eu tenho essa afinidade com eles, de pedir e falar ‘olha colega você pode vir me ajudar?’ as vezes nem era dia deles. ‘olha nesse dia não tem ninguém pra vir passar prova, você pode vir?’ assim como eles também diziam: ‘olha hoje não é meu dia, é quinta-feira. Infelizmente!’ e em 2017: ‘não professora, nesse dia eu não venho, mas no outro dia eu venho lhe ajudar’. Eles nos ajudaram muito em momentos muito difíceis da escola (COORDENADOR EDUARDO).

Alguns não querem nada e vão empurrando com a barriga. Tem professores que aceitam a presença do bolsista na sala de aula e tem outros que não porque falam muito mal da escola (COORDENADOR GILBERTO).

Olha eu não tenho muito contato justamente por essa correria que você vê [...] mas eu também não tenho nenhum problema, agradeço a contribuição sempre. Sempre peço [...] porque eu acho que essa orientação pedagógica tem que ser coordenação pedagógica, porque a gente já tem tanta coisa pra resolver, tanta burocracia, tanta reunião que às vezes a gente acaba não tendo aquele tempo, aquela proximidade com o pedagógico. Mas assim eu acho que eu tenho uma relação boa, no que depender de mim e eu puder ajudar eu estou pronto a ajudar. Essa relação dos bolsistas com os alunos eu posso te falar pelo que os professores falam. Eu falo pelo que eu vi no passado em que nós tínhamos algumas meninas que eram bem ativas e elas chegavam com a gente. Elas cansaram de chegar comigo e elas pediam pra elaborar esses projetos. Então essas eu vi que tinham uma boa relação, tinham um bom retorno, via o carinho dos alunos com elas, mas esse ano eu não tive ainda essa oportunidade de observar. O que eu posso te falar em relação aos professores, é justamente a situação que eu te falei ainda agora. Alguns reclamaram. Esse ano que ainda não tá... pelo fato de tá esse tumulto de reforma, a gente ainda não sentou pra conversar. Mas os professores sugeriram no planejamento desse ano, que a gente conversasse... Que foi o que eu te falei que eu chamei a coordenação e pedi pra que eles orientassem,

para que eles pedissem que os bolsistas até pra tirar os alunos do corredor quando o professor faltar, mas pra desenvolver os projetos e não pra ir dar aula no lugar do professor. ‘ah eu vou substituir o professor’, não! É justamente pra desenvolver esses projetos, mas até agora nada. Então os professores pediram para que a gente conversasse para eles evitarem de ficar usando celular na sala de aula, teve até uma fala assim meio grossa: ‘eu prefiro que nem tenha!’, mas é uma questão de conversa, de orientação na verdade (COORDENADOR LEANDRO).

Nas três últimas falas encontram-se informações sobre bolsistas que foram aplicados e estavam diariamente na escola disponíveis para ajudar, contudo também havia bolsistas que não se colocavam à disposição, principalmente nas aulas de matemática e português. Segundo os professores Eduardo e Leandro, nesse turno, as reclamações feitas pelos professores das disciplinas citadas eram relacionadas ao uso excessivo do celular. Com isso, o bolsista se distraía e não contribuía na sala de aula, quando na verdade os professores desejam bolsistas ativos, envolvidos com as atividades propostas e auxiliando os alunos. Além disso, segundo o Coordenador Gilberto, alguns professores não aceitam a presença do estagiário em sala de aula, acreditando que este fará críticas ao observar a prática docente do professor.

Ainda com relação aos alunos, os bolsistas são bastante carinhosos com os alunos e tecem relações de amizade bem rápido, principalmente quando os bolsistas tiram dúvidas dos alunos sobre o conteúdo, desse modo:

Os sentimentos de afeto entre o professor e seus alunos contribuem para criar uma atitude positiva em relação à aprendizagem. Os bons professores procuram comunicar entusiasmo e carinho para seus alunos. A paciência, a perseverança, o apoio à autoestima dos alunos e o senso de humor são outras das características apontadas nas várias intervenções que estão presentes quando existe uma relação de respeito e empatia com os estudantes (MARCHESI; MARTIN, 2003, p. 111).

Nos relatos a seguir os entrevistados comentam sobre de que outra maneira o PIBID Diversidade ainda pode contribuir com a escola. Para as professoras Betty e Tereza é muito importante a presença de vários bolsistas para que todas as turmas tenham a oportunidade de ter alguém em sala para auxiliarem. Para o Coordenador Leandro a continuação dos projetos de leitura é essencial para os alunos. Diferentemente dos outros, o Coordenador Eduardo afirma que a escola precisa mais contribuir com o PIBID, pois os bolsistas entendem coisas que os professores da escola não compreendem, pelo fato de não vivenciarem a realidade dos alunos ou algo próximo, como os bolsistas do PIBID.

Pode contribuir bastante assim como tem contribuído com o aprendizado dos alunos (GESTORA BETTY).

Só os bolsistas permanecerem na escola, nos ajudando em nossos projetos de extensão [risos]. Se houvesse o retorno deles, seria muito bom, senão a

escola vai estar sempre de portas abertas para recebê-los para que eles possam desenvolver trabalhos de pesquisa, de extensão (GESTORA TEREZA).

Eu acho que não é o PIBID contribuir com a escola, eu acho que é a escola contribuir mais com o PIBID. Utilizar mais esse futuro profissional, porque eles estão, e ele não sabe o que a gente quer. Tipo assim será que pede, será que não pede?! É a escola, que precisa chegar mais perto dele, a escola precisa pedir ajuda deles, envolver mais eles. Nós da escola pública temos muitos desafios. Desde a entrada, da evasão devido ao ônibus escolar. Eles conseguem vê coisas que nós não vemos. Muitas vezes em 2017, eu chamava atenção do aluno, e aí ela [*bolsista*] dizia: ‘não professora, ele mora no ramal tal, tem que entrar não sei quantos quilômetros e pra lá o ônibus não tá entrando.’ ou então ‘não professora, a maré pra esse lado tá difícil!’. Então eles têm muito mais conhecimento do que nós que estamos aqui na sede. Porque eles vieram do campo, conhecem todas as dificuldades do campo e porque eles passam. Eu sei porque eu convivo com os alunos e eles me falam e tenho essa proximidade com alguns PIBID’s que dizem: ‘não é bem assim. Olha tá acontecendo isso, não tá vindo esse ônibus. Essa evasão é desse ônibus que não tá vindo. Aquele ônibus não tá indo no ramal, ele tá só passando pela estrada. Ele não tá entrando no Curuperé-miri, ele não tá entrando no ramal do maranhão, então esses alunos não estão chegando a escola.’ Então eu acredito que tenho muito mais aprendido com o PIBID do que o PIBID com a escola. O PIBID só tem aprendido os grandes desafios, as grandes dificuldades da escola pública. Acredito que eles têm muito a contribuir com a realidade deles, nos falando o que eles fazem como a gente poderia se organizar melhor, para atender esses alunos. Nós temos uma grande dificuldade com os nossos alunos, e dizer que ele chegou 7h da manhã, não, ele não chegou 7h da manhã, ele saiu da casa dele 4h da manhã. Então tem 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, ele tem quase 7h fora da casa e aí ele volta. Então muitas vezes o professor não vê, mas os alunos do PIBID vê. Os alunos têm esse olhar sensível. Eu aprendi muito com o PIBID com as meninas que me repassavam. Tinha um PIBID, um aluno, o nome dele era Carlos, [...] eles conversavam muito comigo e diziam: ‘olha professora não é bem assim’. O Carlos principalmente. O Carlos teve um papel fundamental na época, porque ele aceitou uma proposta minha de pegar aqueles alunos que tinham mais dificuldades. ‘Professora eu aceito!’. Eu falei: ‘Carlos você pode ficar?’ mesmo não sabendo se ele era português, matemática, porque isso ainda não tá bem claro pra mim, mas ele pegou esses alunos e até hoje esses alunos não esquecem dele. Esses alunos deram frutos muito bons porque esses alunos estavam sujeitos ao fracasso. E ele foi, teve a responsabilidade de ir para um outro espaço, de sentar com eles, de mostrar uma nova dinâmica de trabalho, retornaram pra sala de aula e fizeram uma prova excelente. Eu tenho um respeito muito por esse trabalho nesse momento e de poder contar essa experiência (COORDENADOR EDUARDO).

Ah! eu acho que pode contribuir dessa forma que eu tô te falando, vir disposto a desenvolver esses projetos de leitura, aproveitar os momentos que os alunos estiverem ociosos, porque a gente sabe que quando o professor tá dando aula, não tem como o bolsista ir lá e desenvolver alguma coisa, mas ele pode ajudar o professor ali, orientar o aluno e tudo. Mas eu acho que tem condições sim, porque eu já vi esse desenvolvimento de projetos e deu muito certo. Deu muito resultado, eu acho que continuava a elaboração de projetos para dentro da sala de aula (COORDENADOR LEANDRO).

A última pergunta da entrevista questionava os entrevistados a opinião sobre a importância do PIBID Diversidade.

Considero muito importante e o ideal era que fosse expandido como há alguns anos atrás, com um número maior de bolsistas, porque os alunos da classe do sexto ano e sétimo ano, eles têm muita dificuldade, principalmente na área de raciocínio lógico, na matemática, na questão da leitura principalmente. Então o professor quando ele tá na sala de aula, fica muito complicado pra ele fazer essa avaliação. Quando tem mais gente ou com atividades que chamem a atenção dos alunos, melhora os aprendizados dos alunos! (GESTORA BETTY).

Com certeza, porque eu acho que o período que a gente teve mais ajuda na escola foi quando os monitores estavam. É claro que eles não estavam em todas as disciplinas, mas falando pelo turno da manhã, as turmas em que eles estavam eles conseguiram ser de uma grande ajuda. E se o programa pudesse continuar em número grande que era, seria muito melhor pra gente poder abranger os alunos, sanar as dificuldades dos alunos, como era antes (GESTORA TEREZA).

Não gostaria que acabasse o PIBID Diversidade, porque penso que teve um grande caminho pra chegar. Agora ele precisa melhorar mais um pouco, o aluno precisa ter compromisso com seu estágio, pra se decidir se é isso que ele quer, como todos nós, como qualquer outro curso. Não é só no PIBID Diversidade, todo curso você precisa escolher o que você quer. Trabalhar com ser humano é difícil, trabalhar com educação é pior um pouquinho. Ou você gosta, ou você deixa, ou você vai estar lá na escola só fingindo, vai só ganhar seu dinheiro e ir embora. Os dois precisam se abraçar, tanto a escola como o PIBID. Eles estão na base. Nós achamos que nós estamos na base, nós passamos pela base e eles vêm da base. Eles devem também se fazer mais presente com professor na sala, eles devem se apresentar mais, ter mais autonomia com o professor dentro da sala e dinamizar não esperar que o professor chegue até ele, mas ele chegar até o professor e dizer: ‘em que eu posso lhe ajudar agora?’ aprender com o professor realmente. Não ficar lá atrás, só no celular, olhar a hora pra ir embora, ou chegar já tá cheia a sala, ou só tem dois ali eu vou embora. É claro que a gente não ia falar, porque é um programa muito bom e a gente não queria criar inimizade na época com ninguém, mas como você tá falando, houve oportunidade, eu tô colocando isso. Isso foi visto por mim, mas foi muito falado pelos professores, principalmente aquela que chegava fazia um barulho e ia embora. As professoras diziam: ‘olha, ela deveria tá na minha sala, mas não veio’, aí a gente olhava o ponto já tinha assinada e já tinha ido embora. Mas cada um sabe da sua responsabilidade. Nós temos duas bolsistas aqui à tarde, que são guerreiras. São super guerreiras, duas meninas assim que são maravilhosas. Tem uma outra também. Elas vão pra sala, vão com os alunos. Quando elas veem aquela sala sem turma elas falam: ‘professora, me dê uma caneta, quem é?’, professor me dê seu material para adiantar e quando a senhora vir a senhora dá aula.’ Elas tem autonomia, elas saem, elas se dispõem a fazer, e tem aqueles que ficam parados. Os alunos estão quebrando toda a sala e estão ali, só risada. Assim como nós temos professor que os alunos estão quebrando a sala e não tá nem aí (COORDENADOR EDUARDO).

Observo como um excelente projeto. Não quero que pare, é muito importante. [...] Fiquei muito alegre quando os bolsistas chegaram aqui, eu queria elaborar projetos com eles, mas eu tive que sair do turno da manhã. [...] Para trabalhar na escola pública tem que ser humano, sensível, gostar de pessoas e entender que os seus 'aprendentes' precisam de você. O PIBID é ótimo para a prática antes da profissão, mas tem que amar a educação. Até a sua atuação no curso influencia. Se você está em um curso por estar, a sua atuação aqui será diferente. Se você ama, aqui seu trabalho será excelente. O programa tem um potencial muito grande (COORDENADOR GILBERTO).

Considero pelo fato de ter visto que o projeto se ele for bem elaborado, bem orientado ele funciona dentro da escola. Eu acho que ele só tem a contribuir com o aluno. Porque às vezes o professor ele é sozinho para muitas turmas, e ele tendo alguém que ajude que esteja ali naquela parceria, naquela troca de experiência, com certeza vai contribuir mais sim. Eu acho muito interessante, muito importante que o projeto continue. Da minha parte a escola vai estar sempre de portas abertas para que a gente possa contribuir com o projeto (COORDENADOR LEANDRO).

Por fim, os entrevistados consideram o programa de suma importância, principalmente para a escola, como afirma a Gestora Tereza, em que foi o período que a escola foi mais ajudada pelos bolsistas. Para o Coordenador Leandro é um programa muito bem pensado e muito bem elaborado. Para os professores Eduardo e Gilberto, o programa tem um potencial muito grande, se for bem gerido, trará bons e grandes resultados e que significativamente contribuiu para a formação acadêmica dos licenciandos. Novamente, os entrevistados questionaram a presença de mais bolsistas para um trabalho mais efetivo. Para concluir esta seção, Barros *et al* (2013, p. 10) complementa sobre a presença do PIBID na escola públicas, e que condiz com a realidade do PIBID Diversidade na escola Professor Basílio de Carvalho:

Dentro do que foi exposto e analisando sobre a atuação do PIBID dentro do espaço escolar que se torna um programa propiciador de saberes e práticas de ensino voltadas para reflexão-ação-reflexão que tem como objetivo principal o aluno e sua aprendizagem. Portanto a contribuição do programa de iniciação à docência traz consigo uma contribuição significativa na aprendizagem e no dia a dia dos alunos da escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Com as informações obtidas por meio desta pesquisa, entende-se que o PIBID Diversidade objetivava contribuir com a escola no que diz respeito ao ensino e a aprendizagem, principalmente com os alunos oriundos do campo, matriculados na escola Basílio de Carvalho. Foi um dos programas referências em formação inicial e continuada de professores, visto que apresentava a prática no início da graduação, unindo teoria e prática, oportunizando ao licenciando o conhecimento prévio da realidade escolar.

Observou-se que através das oficinas didáticas e pedagógicas, os bolsistas licenciandos contribuíram para amenizar as dificuldades dos alunos, principalmente nas disciplinas de matemática e língua portuguesa, realizadas de forma lúdica. Nesse contexto, por meio das falas dos entrevistados identificou-se que o PIBID Diversidade contribuiu com a escola e com os alunos, em momentos em que não havia professores para cumprir o horário, alguns desses resultados podem ser observados através das oficinas realizadas pelos bolsistas.

Destaca-se também, que o número de bolsistas é essencial para o sucesso total do programa, como relatado pelos entrevistados, entretanto, com o corte de verbas destinadas ao programa, o número de bolsas foi reduzido, resultando em uma quantidade insuficiente de bolsistas que pudessem atender às turmas da escola. Além disso, foi apresentada uma problemática relacionada ao compromisso ético de alguns bolsistas que não se dedicavam totalmente no estágio, não cumprindo horários, falta de autonomia para auxiliar os alunos ou distração pelo celular, por exemplo.

Segundo os entrevistados, o PIBID Diversidade não deveria ser extinto, pelo contrário, deveria ser expandido e aprimorado, devido seus objetivos serem muito importantes e apresentarem uma proposta diferenciada. O estágio supervisionado dos cursos não apresenta a escola e o seu cotidiano da mesma maneira que o PIBID, o qual possibilita a criação de laços afetivos com o ambiente escolar, por isso, o programa permite ao licenciando a confirmação de sua carreira ou a certeza de que não deve seguir na docência.

Para finalizar, afirmo que minha experiência no PIBID Diversidade colaborou grandiosamente em minha formação acadêmica, em que me encontrei como futuro docente e também pesquisador sobre temas da educação. Apesar de no início ser um desafio, a cada dia fui me encontrando nesse espaço de ensino e aprendizagem, aprendi muito mais do que ensinei. Reitero que o programa tem muito a oferecer e merece ser prorrogado e seria muito importante que todos os licenciandos tivessem essa experiência pedagógica durante a graduação.

## REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Maria da Penha Pereira de. **O lúdico como base para o ensino-aprendizagem**. Rios Eletrônica - Revista Científica da FASETE ano 7 n. 7 dezembro de 2013

AMBROSETTI, Neusa Banhara. NASCIMENTO, Maria das Graças Chagas de Arruda. ALMEIDA, Patrícia Albieri. CALIL, Ana Maria Gimenes Corrêa. PASSOS, Laurizete Ferragut. **Contribuições do PIBID para a formação inicial de professores: o olhar dos estudantes**. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 4, n. 1, p. 151-174, jan./jun. 2013

BAHIA, Norinês P.; SOUZA, Roger Marchesini de Quadro. **A formação inicial e continuada de professores: a experiência do PIBID/UMESP**. *Educação & Linguagem* • v. 19 • n. 1 • 59-78 • jan.-jun. 2016. ISSN Impresso: 1415-9902 • ISSN Eletrônico: 2176-1043

BARROS, Eugênia Nogueira; SOUZA, Ézio José Silva; MACEDO, Marly; SOUZA, Ângela de Jesus; TITO, Lucas dos Reis. **PIBID X ESCOLA PÚBLICA: uma parceria na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem das séries iniciais do ensino fundamental**. In: V Fórum Internacional de Pedagogia - V FIPED, 2013, Vitória da Conquista - BA.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 35ª ed. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara de Deputados, 2012.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **PIBID Diversidade**. Brasília, set. 2013. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capesPIBID/PIBID-diversidade>>. Acesso em: 08 de maio. 2018

BRASIL, Presidência da República. **Decreto Nº 7.219, de 24 De Junho DE 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências**. *Diário Oficial da União*. Brasília: Casa Civil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7219.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7219.htm)> Acesso em 04 de maio de 2018.

BRASIL, Presidência da República. **Decreto nº 7.352/2010**. Brasília/DF. **Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA**. *Diário Oficial da União*. Brasília: Casa Civil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm)>. Acesso em 04 de maio de 2018.

BRASIL. **Diretoria de formação de professores da Educação Básica – DEB. Relatório de Gestão PIBID**. 2013 Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/1892014-relatorio-PIBID.pdf>> Acesso em: 29/05/2018.

CARMO, Hadassa Marques Santana. **As contribuições dos subprojetos do pibid-uesc para a constituição dos saberes docentes na formação inicial de professores de ciências**. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências - Ilhéus/BA: UESC, 2015. 131 F.:il.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. **Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença?** Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 241-267. dez. 2007

FELICETTI, Vera Lucia. MOROSINI, Marília Costa. **Do compromisso ao comprometimento: o estudante e a aprendizagem**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 23-44, 24 2010. Editora UFPR.

FREIRE, Madalena. **Observação, Registro e Reflexão: Instrumento metodológico I**. 2 ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUSARI, José Cerchi. **O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas**. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_08\\_p044-053\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf)> Acesso em 22/05/2018 às 14h46min.

GADOTTI, Moacir. ROMÃO, José E (orgs.). **Autonomia da Escola princípios e propostas**, 6ª ed. Cortez Editora, 2004.

GATTI, Bernardete A.; ANDRÉ, Marli E. D. A.; GIMENES, Nelson A. S.; FERRAGUT, Laurizete, pesquisadores. Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). / FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS – São Paulo: FCC/SEP, 2014.

GONCALVES, Mônica Lopes Gonçalves; BALDIN, Nelma; ZANOTELLI, Cladir Teresinha; CARELLI, Mariluci Neis; FRANCO, Selma Cristina. **Fazendo pesquisa: do projeto à comunicação científica**. 4. ed. Joinville: UNIVILLE, 2014.

MARCHESI, Álvaro; MARTÍN, Elena. **Qualidade de ensino em tempos de mudança**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. **Docência no ensino superior**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

RIGHI, Marisa. MARIN, Elizara Carolina. SOUZA, Maristela Da Silva. **Formação continuada: entendimentos e vivências dos professores de Educação física no contexto do governo estadual (RS) GESTÃO 2007/2010**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 4, p. 875-890, out./dez. 2012

SANT'ANNA, Paulo Afranio. MARQUES, Luiz Otávio Costa. **PIBID Diversidade e a Formação de Educadores do Campo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 725-744, jul./set. 2015.

SANTINELLO, Jamile. **A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos**. Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 12, n. 28, p. 153-159, maio/ago. 2011

SIGNORELLI, Gláucia. ANDRÉ, Marli. **Contribuições Do PIBID Para A Escola Básica: A Voz De Professoras E Gestoras**. IV Seminário Internacional De Representações Sociais, Subjetividade E Educação e VI Seminário Internacional Sobre Profissionalização Docente (SÍPD/CÁTEDRA UNESCO) 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, Eloir José de. ANDRADE, Enedina Ferreira de. LIMA, Glaci Antonia Mendes de. MACHADO, Carmen Lucia Bezerra. **Limites e possibilidades: um olhar sobre o projeto político pedagógico na perspectiva da educação do campo**. In MACHADO, Carmem Lúcia Bezerra; CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares. PALUDO, Conceição. *Teoria E Pratica Da Educação Do Campo: análise de experiências*. – Brasília: MDA, 2008.

TEIXEIRA, Marcilia Bruna dos Reis; NOGUEIRA, Cristina Henriques; SOUTO, Romélia Mara Alves. **Alunos da Licenciatura que não querem ser Professores – Traços do perfil dos estudantes do curso de matemática da Universidade Federal de São João Del-Rei.** Anais do X Encontro Nacional de Educação Matemática Educação Matemática, Cultura e Diversidade Salvador – BA, 7 a 9 de Julho de 2010.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética.** 3.ed. Rio de Janeiro: 1978.

VERDUM, Priscila de Lima. **O programa PIBID na avaliação dos pesquisadores do campo educacional: um estudo a partir dos trabalhos do Banco de Dissertações e Teses da CAPES e do Endipe (2010- 2012).** X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos:** Bookman, trad. Daniel Grassi – 2.ed.- Porto Alegre: Bookman, 2001



## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

EU, \_\_\_\_\_, **concordo em participar, como voluntário (a)**, do estudo que tem como pesquisador responsável o aluno de graduação DANRLEY FERREIRA MORAES, do curso de Licenciatura em Educação do Campo 2014 (Hab. Ciências Naturais), matrícula 201400440005, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, que pode ser contatado pelo e-mail danrleyferreira97@gmail.com e pelos telefones (91) 983578733. Tenho ciência de que o estudo tem em vista **realizar entrevistas** com gestores e coordenadores, visando, por parte do referido aluno a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado de: “O PIBID DIVERSIDADE sob o olhar dos gestores da Escola Basílio de Carvalho”. **Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita.** Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que será **preservado o anonimato dos participantes**, assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

---

Assinatura do (a) entrevistado (a)

---

Assinatura do pesquisador

Abaetetuba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS:****TEMA: O PIBID DIVERSIDADE SOB O OLHAR DOS GESTORES DA ESCOLA BASÍLIO DE CARVALHO****PARA OS GESTORES E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:**

- 1- como se estabeleceu a relação entre a escola e o PIBID Diversidade?
- 2- o que você entende por PIBID Diversidade?
- 3- quais tipos de contribuições, que você tem observado, do PIBID Diversidade para os alunos do campo no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem?
- 4- como você descreve a atuação dos bolsistas do PIBID Diversidade na escola?
- 5- costumam cobrir horários na ausência de professores?
- 6- você teria sugestões para melhorar as atividades realizadas pelos bolsistas do PIBID Diversidade junto aos alunos oriundos do campo?
- 7- como a escola oferece suporte para as atividades do PIBID?
- 8- existe algum tipo de orientação pedagógica por parte da coordenação para os bolsistas?
- 9- qual a relação destes com a gestão?
- 10- como você observa a relação dos professores com os bolsistas? E dos bolsistas com os alunos?
- 11- de que outra maneira o PIBID Diversidade ainda pode contribuir com a escola?
- 12- você considera importante a continuação deste programa? Por quê?